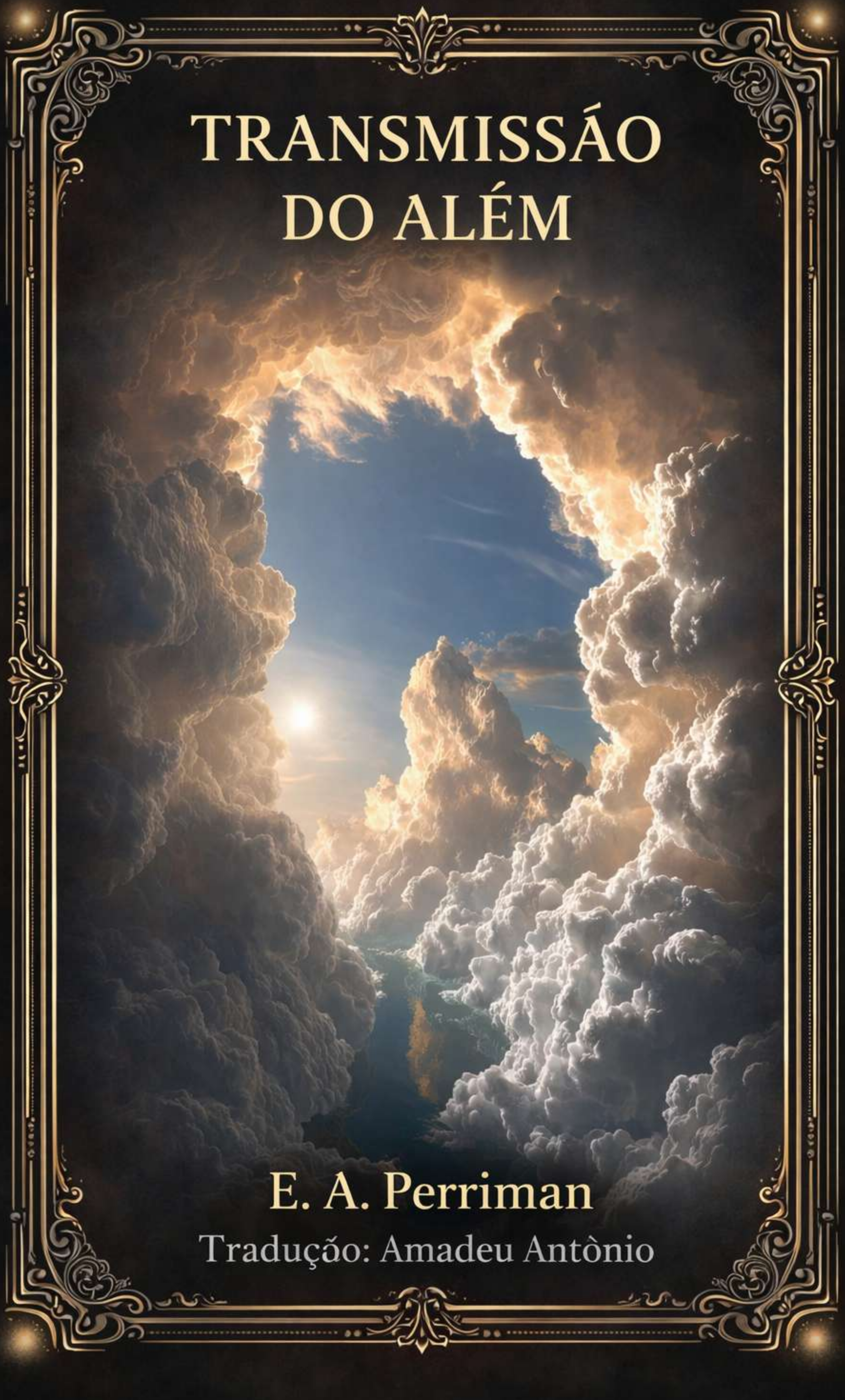
TRANSMISSÁO DO ALÉM



E. A. Perriman

Tradução: Amadeu Antònio

Primeira Edição 1952

INTRODUÇÃO

Se aos nossos avós tivesse sido dito que seria possível falar com amigos, por meio de um telefone, para quase qualquer parte do mundo simplesmente levantando o auscultador e pedindo um número, ter-nos-iam ridicularizado. Contudo, hoje isso é um facto consumado. O que esses avós teriam pensado se lhes tivesse sido falado da rádio moderna, mais vale imaginar do que exprimir. Isto vem provar quão pronto está o mundo a escarnecer de um novo pensamento ou facto que lhe seja desconhecido, seja em que geração for, passada, presente ou futura.

O que hoje parece maravilhoso e roçar o miraculoso será aceite pela próxima geração como algo normal. É apenas uma questão de progresso e evolução. Um profeta nunca é herói no seu próprio país, nem tão-pouco um pioneiro, cujas ideias e aspirações diferem da conceção estabelecida das coisas, é recebido com grande entusiasmo pelos seus semelhantes.

"Falar com os mortos! Que absurdo! Treta! Patetice! Impossível!" Eis algumas expressões daqueles que não compreendem e que nunca despenderam um instante a pensar em tal possibilidade.

Confesso ter sido culpado dessa atitude antes de me lançar a provar ou refutar a possibilidade da comunicação espiritual. Como membro da Igreja de Inglaterra, acreditava na vida eterna, mas não conseguia visualizar ou apreender o seu significado em toda a extensão. Sabia que quando alguém morria e era sepultado ou cremado, isso era o fim do corpo. O que era então que sobrevivia? E em que forma tangível? Esse era o meu problema e, acredito, o problema de todos. Terei conseguido resolvê-lo? Bem, deixo ao leitor o juízo, a partir das experiências que vivi em investigação psíquica ao longo de muitos anos de intensa pesquisa.

Pode ser interessante relatar como cheguei a mergulhar no mistério da vida após a morte.
A minha esposa, que entretanto já partiu, e eu aceitámos o convite de um amigo para jantar. Durante a conversa depois da refeição, mencionaram-se o Espiritismo e assuntos psíquicos. Eu era totalmente ignorante desses temas e não participei na discussão. Limitei-me a ouvir. Percebi que entre os convidados havia quem tivesse assistido a sessões espíritas – nessa altura eu não tinha a mínima noção do que fosse uma sessão – e que experimentara fenómenos impossíveis de reproduzir por via humana. Assim nos disseram, mas temo que eu tivesse outras opiniões, embora não as exprimisse. Continuei a ouvir, sem grande impressão. Na verdade, achei que era apenas a partida da noite.

As opiniões que sustentei nesse serão começaram a ter efeito. Perguntei a mim mesmo com que direito criticava algo para o qual não estava habilitado. Como

arquiteto, sabia que era competente para emitir uma opinião profissional em arquitetura. A formação e experiência tinham-me tornado uma autoridade, mas precisei de anos de prática antes de dominar a profissão. O mesmo se aplica a qualquer outra profissão. Se o Supremo Tribunal deseja orientação num problema médico, recorre a um especialista médico, pois este é competente para dar parecer. Certamente não aceitaria o testemunho de um leigo. Contudo, em assuntos psíquicos, é muitas vezes o leigo que se arvora em crítico. Se deve haver crítica – e há espaço para muita – que venha de quem tenha amplo conhecimento da matéria.

Conversei sobre o assunto com a minha esposa e decidimos investigar por nós próprios a verdade das manifestações psíquicas. Ouvíramos dizer que muitos começavam a experimentar com uma mesa e resolvemos seguir o exemplo. Não recorremos a qualquer igreja espírita, nem lemos livros sobre o tema. Pensámos ser melhor estarmos livres dessas influências. Avançámos de forma simples. Salvo impedimento profissional, realizávamos duas sessões por semana de uma hora. Sentávamo-nos frente a frente, junto da mesa. Por vezes em escuridão total, outras em luz suave. Descobrimos que a escuridão completa era preferível, pois assim nada distraía os nossos pensamentos. Iniciávamos sempre com um hino, seguido de oração e um segundo hino. O resto do tempo passava-se em silêncio.

Não quero desencorajar investigadores sérios e sinceros ao dizer que a minha esposa e eu nos sentámos durante quase doze anos antes de conseguirmos sequer uma pancada na mesa. Recordem apenas que as melhores coisas da vida são as mais difíceis de alcançar e, para as usufruir plenamente, é preciso trabalhar muito.

CAPÍTULO UM
COMO SE OUVEM AS VOZES

Como este livro trata sobretudo do fenómeno da voz direta, explicarei de forma simples, e tão brevemente quanto possível, em que consiste. Há a ideia errada de que as "vozes" ouvidas são as dos comunicadores espirituais. Se refletirmos, percebemos que tudo o que constitui o nosso corpo físico fica na Terra quando a alma passa para o mundo espiritual, onde se manifesta através do contraparte etérico do nosso ser. No estado etérico, tudo se expressa por vibrações mentais e espirituais. Quando entidades espirituais transmitem mensagens por voz direta, projetam os seus pensamentos para um aparelho construído com a energia retirada dos assistentes.

A única contribuição física é a laringe do médium. A laringe é desmaterializada e depois rematerializada na forma exigida pela entidade espiritual. Em seguida, liga-se a um tubo ectoplásmico, que, por sua vez, se conecta por meio de uma haste ectoplásmica a uma caixa de som ectoplásmica. Todo o aparelho é formado fora e

distante do médium. O passo seguinte é criar as condições adequadas para a comunicação espiritual, ou seja, sintonizar a frequência certa. Tal como na rádio, em que é necessário ajustar o aparelho ao comprimento de onda da estação que queremos ouvir, também é preciso sintonizar as vibrações superiores do mundo espiritual. Os únicos comprimentos de onda em que este opera são o amor, a simpatia, a harmonia e a fé.

Os assistentes são responsáveis por fornecer as vibrações corretas. Atingido esse ponto, é preciso esperar com paciência por qualquer comunicação. A entidade espiritual que deseja comunicar transmite os seus pensamentos para a caixa de som ectoplásmica. As vibrações do pensamento são depois, de algum modo engenhoso, aplicadas à laringe ectoplásmica, tornando-se audíveis à audição física dos presentes. Quando o canal de comunicação está livre de vibrações perturbadoras, as "vozes" soam claras e distintas. A individualidade da entidade não se confunde, uma vez que ela própria se habitue à nova experiência. Reconhecem-se dialetos e cheguei a ouvir muitas línguas estrangeiras.

O médium permanece em estado normal durante uma sessão de voz direta. Não há necessidade de transe, pois o corpo e a inteligência do médium não são requeridos neste tipo de fenómeno.
Muitos dos chamados fenómenos de voz direta não passam de uma entidade espiritual a assumir o controlo do médium em transe, falando através dos seus lábios. Isso é mediunidade de transe e não deve ser confundido, como tantas vezes é, com a voz direta.

Nas primeiras fases do desenvolvimento, é necessário um trompete – na realidade, um megafone – para amplificar as vozes fracas, tornando-as audíveis aos presentes. O megafone deve ser construído em alumínio leve ou celuloide. Deve ser pequeno. O que utilizámos não tinha mais de trinta e cinco centímetros de comprimento, com dez de diâmetro numa extremidade, afunilando até menos de dois. É necessária energia para a entidade espiritual levitar e sustentar o megafone suspenso no espaço. Por isso, a sua construção deve ser leve.

Quando uma entidade espiritual usa um megafone, este costuma estar suspenso acima ou a alguma distância do médium, não em frente da sua boca. Nem é necessário que o médium toque no megafone, em circunstância alguma.
À medida que as entidades se habituam às novas vibrações e, se as condições forem boas, conseguem transportar o megafone para diferentes pontos da sala e falar, permitindo aos presentes ouvir a "voz" vinda de outros lugares que não de um ponto fixo.

Quando falamos em "voz direta", corremos o risco de levar as pessoas a acreditar que é a própria "voz" do comunicador espiritual que ouvimos. Não é assim. Se fosse, não haveria razão lógica para o uso da laringe do médium. As "vozes" das

entidades espirituais são semelhantes às que tinham em vida terrena? Podem ser reconhecidas? Esta pergunta surge frequentemente. Por vezes sim, por vezes não. Tudo depende das vibrações no momento da comunicação.

Como muitos, eu estava sob a impressão de que os comunicadores espirituais falavam com as suas próprias vozes. Só quando uma entidade espiritual, que dizia ser a minha mãe, me dirigiu a palavra certa noite percebi o meu erro. Todas as "vozes" que ouvira até então eram de desconhecidos. Cada "voz" tinha uma entoação diferente, e foi por isso que imaginei estar a ouvir a verdadeira voz. Nessa ocasião em particular, uma "voz" feminina disse: "Olá, meu rapaz."

«Quem é?» perguntei eu. Esperando ser tratado pelo nome, fiquei surpreendido quando a "voz" respondeu: «Hail smiling morn», acrescentando: «Sou a tua mãe, meu rapaz.»
«Hail smiling morn» tinha um significado especial, e só eu sabia a que se referia. A prova apresentada só poderia ser conhecida pela minha mãe, mas eu estava intrigado porque não reconhecia a sua voz. Mais tarde mencionei esse facto à minha mãe e recebi a minha primeira explicação sobre o método de comunicação. Em todo o caso, fiquei confortado por saber que a minha mãe sobrevivera à sepultura e que estava mais feliz na sua nova vida do que estivera na Terra.

CAPÍTULO DOIS

O SURGIMENTO DA "VOZ"

Tínhamos mudado para outra casa. Estava encantadoramente situada a pouca distância da pitoresca e antiga cidade-catedral de Llandaff, Glamorgan. O ambiente era de profundo repouso e paz, e todos os nossos amigos o comentavam mal tinham passado dois minutos dentro de casa. Havia um jardim magnífico, no fundo do qual corria um canal, e ao longe via-se a montanha Garth. Havia uma sala agradável que me pareceu adequada para a nossa investigação. Decorei-a em verde-maçã e creme, e organizei-a de modo a parecer uma pequena capela. Quando concluí a decoração e os arranjos, apresentei o que chamei de nosso santuário a um amigo cura da igreja a que eu pertencia. Foi generoso nos elogios e pediu que o mantivesse informado de tudo o que pudéssemos vir a experienciar.

Ainda não tínhamos terminado por completo a arrumação da casa quando recebemos a visita-surpresa de um amigo de Londres, em Cardiff por motivos de trabalho. Era engenheiro-consultor e diretor de uma conhecida firma de engenharia em Yorkshire. Também se interessava por assuntos psíquicos, embora ainda não tivesse obtido resultados. Em visitas anteriores tinha-se juntado a nós nas nossas investigações. Durante o jantar falámos das nossas pesquisas. Contámos-lhe que desde a mudança não tínhamos feito sessões, mas esperávamos retomar assim que

estivéssemos organizados. O nosso amigo sugeriu fazermos uma sessão nessa mesma noite. Não podíamos prosseguir com a arrumação enquanto ele estivesse connosco, por isso concordámos em realizar o que seria a nossa primeira sessão após a pausa provocada pela mudança.

Retirámo-nos para a sala de sessões e tomámos lugar em volta de uma pequena mesa. Entoámos um hino, reproduzido no gramofone, após o qual fiz uma oração, seguida da audição de outro hino. Apagámos as luzes e, com as mãos pousadas sobre a mesa, permanecemos em silêncio. Estivemos assim algum tempo quando o silêncio foi interrompido por pancadas nítidas vindas de debaixo do tampo. Sentimos as vibrações. Era algo novo. Para garantir que nenhum de nós estava inconscientemente a bater na mesa, sugeri que déssemos as mãos e nos afastássemos. Fizemo-lo e, para nossa surpresa, as pancadas continuaram. Mais surpreendente ainda foi ouvirmos pancadas nas paredes em diferentes pontos da sala.

Mas havia outra surpresa guardada. Quando cessaram as pancadas e recolocámos as mãos sobre a mesa, esta começou a oscilar como um pêndulo. Para nos certificarmos de que não éramos nós os responsáveis, tentámos pará-la, mas, apesar dos esforços físicos combinados, a mesa continuou a oscilar. Só receando parti-la é que desistimos. Mesmo assim, a mesa prosseguiu a oscilar sem as nossas mãos a tocarem-lhe! Eventualmente parou por si mesma, mas já estávamos alarmados. Decidimos, porém, prosseguir um pouco mais para ver se sucedia algo mais. E sucedeu!

Colocámos novamente as mãos na mesa e, para nosso espanto, sentimo-la erguer-se do chão. Subiu cada vez mais alto, até termos de nos pôr de pé para que as mãos continuassem a assentar no tampo. Decidimos então tentar travar a sua ascensão, puxando-a para baixo. Os nossos esforços foram infrutíferos. A mesa continuou a subir cada vez mais. Quando já estava acima das nossas cabeças, sugeri que nos agarrássemos a ela. Fizemo-lo, e começámos a ser erguidos também. Fomos levantados do chão. Dizer que ficámos alarmados é pouco. Eu estava apavorado. Largámo-la e caímos no chão com um trambolhão. A mesa prosseguiu a sua subida até ouvirmos o toque no teto, onde permaneceu algum tempo.

Quando voltou à posição inicial, declarei que para mim chegava por aquela noite. O nosso peso combinado totalizava quase duzentos e vinte quilos, e, ainda assim, fomos erguidos com tanta facilidade por uma força desconhecida que pareceríamos pesar não mais que uma pena. Era um dilema, e assustador também. Enquanto exprimia a minha opinião sobre o sucedido e me preparava para encerrar a sessão, ouvimos algo cair sobre a mesa. Descobrimos tratar-se de uma almofada que fora retirada de outro ponto da sala, a alguma distância de nós. Tão rapidamente como surgiu, desapareceu. Levantei-me para acender a luz e, ao fazê-lo, senti algo roçar-

me o rosto. Foi muito estranho. Instintivamente levei a mão e agarrei uma almofada. Contei à minha esposa e ao meu amigo o que acontecera e disse: «Eu vou-me embora. Não sei quanto a vocês, mas eu não fico aqui mais um instante.»

Assim terminou a primeira sessão, depois de quase doze anos de paciente investigação, em que algo fora do comum acontecera. E fiquei satisfeito por a ver terminar. Nenhum de nós parecia no seu estado normal ao sentar-se para a refeição. Estávamos perturbados, e não envergonhados de o admitir. Comentando os estranhos acontecimentos, disse eu: «Não me importo de enfrentar o que for, se tiver substância, e não tenho medo de lidar com qualquer pessoa em apuros. Mas quando algo que não se pode ver nem tocar é capaz de erguer uma mesa e três pessoas, e de transportar ou atirar almofadas, isso coloca-nos em desvantagem. Fiquei tão assustado como na primeira noite que passei debaixo de fogo cerrado em França.»

O nosso amigo ficou connosco uma semana. Na véspera da sua partida para Londres, sugeriu outra sessão. Hesitei. Disse-lhe que estava incerto quanto às forças com que havíamos contactado e não me sentia inclinado a expor-me, sem necessidade, a qualquer violência física. Tinha ainda em mente os fenómenos da primeira sessão. Sabia que objetos pesados podiam ser arremessados e não queria ser alvo. Após longa discussão, acabei por concordar, mas fui prevenido para emergências. Como estaríamos no escuro, levei uma vela e uma caixa de fósforos, que deixei junto ao meu pé esquerdo, para o caso de imprevisto.

Entrámos tensos na sala de sessões. Sentámo-nos à volta da mesa pequena. Coloquei o castiçal e os fósforos ao meu lado. Coube-me fazer a oração, mas fi-la mal, pois o meu estado de espírito deixava-me confuso. Ainda assim, esforcei-me por cumpri-la. Pusemos as mãos na mesa e aguardámos. Recordando que a força da primeira sessão fora capaz de mover objetos físicos, mantinha a atenção no castiçal. Para garantir que não mudava de lugar, ia batendo-lhe com o pé. Tenho a certeza de que, se tivesse sido levado pela força invisível, não estaria agora a escrever estas memórias, pois teria terminado as investigações de imediato.

As pancadas começaram pouco depois de nos sentarmos, tanto na mesa como nas paredes. Estávamos ali há uns quinze minutos quando vimos o que pareciam ser flocos brancos. Apesar de ser agosto, disse a brincar: «Parece neve.» Não conhecíamos ainda o ectoplasma. Curiosos em saber se os flocos, semelhantes a algodão, eram sólidos, tentámos agarrá-los, mas só apanhávamos ar. Enquanto observávamos e comentávamos, ouviu-se um som metálico na mesa. Coloquei logo a mão onde soara o ruído e senti um objeto. «Há aqui qualquer coisa», exclamei. «Esperem que acenda a vela e veremos o que é.»

Acendi a vela. Sobre a mesa vimos uma cruz dourada com um grande ramo de madressilva preso pelo aro de suspensão. Ficámos boquiabertos. Olhando para a

minha esposa, disse: «Se isto não é a cruz que temos pendurada sobre a cama, então é a réplica mais perfeita que já vi.» Para satisfazer a curiosidade, fui ao quarto. Fiquei atónito: a cruz não estava lá. Voltei e contei a descoberta. Eis um problema real. Estávamos intrigados com a forma como um objeto podia ser transportado de uma parte da casa para outra, mas mais intrigados ainda com a presença da madressilva.

Lembrei-me de que tínhamos um arbusto de madressilva no jardim, mas como já estava escuro deixei a inspeção para o dia seguinte. De manhã examinei-o e encontrei um ramo recentemente partido. Mostrei à minha esposa e ao meu amigo, levando o pedaço de madressilva da noite anterior. Ao aproximá-lo do ramo quebrado, encaixou exatamente. Esta ocorrência não veio atenuar o nosso dilema. Não tínhamos explicação. Havíamos contactado uma força – benigna ou não, não sabíamos – capaz de produzir fenómenos além da agência humana.

Era impossível que a cruz e a madressilva tivessem entrado na sala por portas ou janelas, pois estavam fechadas. Inspecionámos a chaminé minuciosamente, mas não encontrámos fuligem nos objetos. Matéria atravessara matéria, disso não havia dúvida.

Depois da partida do nosso amigo para Londres, eu e a minha esposa decidimos prosseguir com a investigação deste fascinante mistério. A nossa primeira tentativa, estando apenas nós dois, revelou-se interessante. Apagada a luz, ficámos maravilhados ao ver a sala iluminada por luzes psíquicas. Todo o friso em redor da sala era uma massa de luzes. No teto e paredes surgiam grandes manchas luminosas, cintilando como estrelas no céu. A sala estava tão iluminada que nos podíamos ver um ao outro. Mal pusemos as mãos na mesa, ouviram-se pancadas. Sugerimos então à força responsável pelo fenómeno que usasse um código, para nos transmitir uma mensagem e identificar-se. Mas não obtivemos resposta.

Foi durante um período de inatividade das forças psíquicas, enquanto a minha mulher e eu estávamos em conversa, que ocorreu outro estranho acontecimento. Ouvimos um som como se algo tivesse tocado a mesa. Ao comentar isto, senti algo a ser empurrado para as minhas mãos. Era um crucifixo emoldurado. Embora não tivéssemos visto efetivamente o crucifixo em trânsito, ele tinha sido retirado da parede noutra parte da sala onde estávamos sentados.

Não ouvimos qualquer som até que tocou efetivamente na mesa. O trazer do crucifixo teve o efeito de tranquilizar o meu espírito em relação às forças com que estávamos em contacto. Não tinha qualquer desejo de lidar com um poder que fosse prejudicial ou indesejável. Não havendo outro meio de me dar a entender, assumi que a força que operava, para me sossegar, tinha trazido a cruz e o crucifixo. Isto foi confirmado mais tarde. Nada de importante aconteceu durante o restante da sessão, que durou uma hora.

Continuámos, duas vezes por semana, a realizar sessões de uma hora antes de conseguirmos a "voz". Entre os muitos acontecimentos interessantes contaram-se os seguintes. Não havia razão para encerrarmos as sessões. Quando já tínhamos estado a hora estipulada, a mesa era levitada. Ao acendermos a luz, encontrávamos a mesa junto à janela, com a toalha por cima e a taça de flores que mantínhamos sempre na sala.

Recebíamos flores trazidas para a sala. De onde vinham, nunca soubemos. Houve ocasiões em que as flores recebidas não eram de cultivo britânico e não podiam ser compradas neste país. Por vezes tínhamos perfumes muito fragrantes. Numa ocasião, o perfume foi pulverizado sobre nós, ficando os nossos cabelos e rostos encharcados. Recebemos uma carta do nosso amigo de Londres a dizer que vinha a Cardiff em negócios e que a esposa o acompanharia. Como a quantidade de negócios que o prendia duraria pelo menos uma quinzena, combinámos que ficassem connosco.

Tinham decorrido pouco mais de dois meses desde que tínhamos experimentado os primeiros fenómenos. Mantive os meus amigos informados acerca do que tínhamos vivido. Durante todo esse tempo não recebemos uma única mensagem em que pudéssemos confiar. Cada tentativa de obter uma mensagem através de pancadas resultava num assunto desconexo. No entanto, havia um ponto de interesse. Diversas vezes, em cada sessão, obtínhamos o nome Belle soletrado. Não conseguimos identificar a quem se referia.

Na segunda noite após a chegada dos nossos amigos, realizámos uma sessão, a primeira ocasião em que os quatro nos sentámos juntos. Tomando os nossos lugares em redor da mesa, a sessão foi aberta da forma habitual, com oração e cânticos. As pancadas na mesa começaram quase antes de terminarmos de cantar, mas, por mais que tentássemos, não conseguimos obter uma mensagem concreta, o que nos aborreceu. De repente, a esposa do meu amigo exclamou: "Alguém está a tocar-me."

"Quem é?", perguntámos. No momento seguinte, a minha mulher disse: "Também estão a tocar-me." Por sua vez, o meu amigo e eu próprio também fomos tocados. Foi, na altura, uma experiência estranha. Partilhando as nossas impressões sobre a sensação, concordámos todos que era como uma mão quente a acariciar e a afagar-nos a cabeça. Enquanto discutíamos este último fenómeno, a esposa do meu amigo disse: "Os meus óculos foram-me retirados."

No fim da sessão encontrámos os óculos sobre a chaminé. A minha mulher então gritou que o seu colar fora retirado do pescoço. O colar foi colocado na mesa. O meu amigo foi a vítima seguinte. Exclamou: "Alguém anda a mexer-me no bolso de trás." Logo a seguir, todas as moedas que trazia nesse bolso foram despejadas sobre a mesa.

Naturalmente, interroguei-me sobre o que me estaria reservado. Mas tive uma ideia brilhante. Trazia um anel num dedo que se tornara desconfortavelmente apertado. Não conseguia removê-lo e tinha decidido mandar lixá-lo para evitar qualquer ferimento resultante da pressão contínua. Disse então: "Bem, quem quer que esteja a fazer as remoções, pode fazer-me um favor e tirar o anel do dedo, que eu não consigo retirar." Estava confiante de que o meu pedido era impossível. Mas depressa fui desenganado. Senti o que me pareceram ser dedos quentes a afagar-me a mão. Depois seguraram o dedo onde estava o anel. Num abrir e fechar de olhos, o anel foi retirado e colocado sobre a mesa.

Na sessão seguinte recebemos a nossa primeira mensagem concreta através de pancadas. Era: "Por favor, arranjem uma trombeta e tentaremos falar." Para termos a certeza de que tínhamos percebido bem a mensagem, pedimos que fosse repetida. Assim foi.

Comprámos uma trombeta e aguardámos expectantes pela sessão seguinte. Colocámos a pequena trombeta sobre a mesa. Houve muitas pancadas, mas o nosso interesse estava centrado na trombeta e no que iria acontecer. Já estávamos sentados havia cerca de vinte minutos quando vimos a trombeta elevar-se acima das nossas cabeças. Descrevia círculos, subindo e descendo, como um dirigível poderia fazer. Isto prolongou-se por algum tempo, e depois a trombeta tocou-nos suavemente na cabeça.

Por fim ficou imóvel a uns noventa a cento e vinte centímetros acima das nossas cabeças, tão centrada no círculo quanto possível. Nada de extraordinário aconteceu durante algum tempo, mas, de repente, ouvimos um ruído sibilante, semelhante ao produzido por vapor a escapar. O silvo continuou por algum tempo e depois transformou-se num ruído gorgolejante, muito parecido com alguém a gargarejar a garganta. Escutámos com enorme interesse e, finalmente, ouviu-se uma "voz" muito aguda a sair da trombeta. Tivemos enorme dificuldade em perceber o que era dito.

Quase desistimos em desespero. Embora ainda aguda e decididamente incoerente, a "voz" conseguiu afinal fazer-se entender. Disse: "Olá, olá; tentarei falar melhor noutra ocasião." Uma mensagem muito curta, dir-se-á, mas que nos causou uma profunda impressão. Não nos preocupámos tanto com a mensagem em si como com a "voz". De quem era a "voz" que tínhamos ouvido? Seria a "voz" de um espírito desencarnado? Como fora possível a "voz"? Estas foram algumas das muitas questões que nos colocámos.

CAPÍTULO TRÊS

O PASTOR QUE VOLTOU

Três dias após a nossa primeira experiência de ouvir a "voz", decidimos realizar outra sessão. A trombeta foi colocada sobre a mesa, caso fosse feita nova tentativa de comunicação. Depois da habitual oração e cânticos, sentámo-nos numa atmosfera de expectativa. Passou algum tempo antes de vermos a trombeta erguer-se da mesa e elevar-se acima das nossas cabeças, onde permaneceu suspensa. Esperávamos naturalmente uma repetição da sessão anterior, mas uma surpresa aguardava-nos. Desta vez não houve silvos nem gorgolejos. Sem qualquer aviso, uma "voz" terrífica trovejou através da trombeta, assustando-nos a todos. Era ensurdecedora e fez vibrar toda a sala.

Depois de recuperarmos do choque, a entidade apresentou-se como o Rev. T. H. J. (por razões privadas e pessoais tenho de omitir o nome), acrescentando que fora outrora pastor de uma capela numa conhecida vila mineira de Monmouthshire. Disseram-nos que era sua missão especial, nessa noite, assegurar-me de que eu estava a contactar as condições espirituais corretas e que não havia motivo para preocupações neste sentido. Explicou que, não tendo outro meio de comunicação nas sessões anteriores, a cruz e o crucifixo emoldurado tinham sido trazidos até nós na esperança de que, simbolicamente, dessem a necessária garantia. Proferiu um dos sermões mais inspiradores que ouvi. Era um orador dotado. Durante mais de vinte minutos manteve-nos enfeitiçados. Foi um dos momentos mais encantadores e edificantes da minha vida.

No fim do sermão, pediu-me que verificasse a informação que dera. No decurso das minhas averiguações, transmitiria eu o amor e a bênção de um pai às suas duas filhas, dizendo-lhes que estava com elas e as ajudava tanto como quando estava na Terra. Concordei em fazê-lo. Depois pronunciou a bênção e desejou-nos boa noite. Fiquei tão impressionado com esta maravilhosa experiência que enviei um relatório a uma revista psíquica.

Após a sua publicação, recebi cartas de todo o país pedindo conselhos sobre o desenvolvimento da voz direta. Como o fenómeno era novo para mim, pouco podia ajudar. Entre as cartas recebidas estava uma de um amigo com quem perdera contacto havia cerca de treze anos. Pelos vistos esquecera-se de mim com o passar dos anos, pois dirigiu-se-me com a formalidade de "Caro Senhor". A carta tinha o mesmo tom: "Poderia eu ajudá-lo com a minha experiência?" O resultado foi um convite ao meu amigo para nos visitar.

Aconteceu que ele vivia a menos de dezasseis quilómetros da vila mencionada pelo Rev. T. H. J. Os meus negócios impediam-me, na altura, de fazer uma viagem especial para prosseguir as investigações. Quando o meu amigo veio, falei-lhe do

assunto e ele ofereceu-se para fazer a investigação necessária. Duas semanas depois escreveu-me a dizer que tinha encontrado a capela exatamente como o Rev. T. H. J. a descrevera, bem como a sepultura onde o clérigo estava enterrado. Procurara o zelador da capela e soubera do paradeiro das duas filhas.

O meu amigo foi até à morada e encontrou as senhoras. Estava receoso quanto à forma como aceitariam a mensagem do pai "falecido", mas, quando lhes explicou todas as circunstâncias, em vez de desmaiarem ou ficarem transtornadas, como receava, disseram-lhe que ficaram muito felizes por receber uma mensagem tão reconfortante do pai. Acrescentaram que muitas vezes sentiam a presença e influência do pai e pediram ao meu amigo que transmitisse os seus agradecimentos quando tivesse nova oportunidade de falar com ele.

Embora nesta fase já tivéssemos vivido muitas experiências interessantes, estávamos longe de ser espiritualistas convictos. Continuávamos investigadores, tentando, através de uma longa e paciente pesquisa, satisfazer-nos quanto à verdade da sobrevivência. Gostaria também de referir que não sabíamos quem era o médium através do qual os fenómenos eram produzidos. A manifestação do Rev. T. H. J. provou um ponto vital: as nossas mentes subconscientes não tinham desempenhado qualquer papel nos acontecimentos. Ele era um estranho e absolutamente desconhecido para nós. A vila mineira que mencionou nunca tínhamos visitado, nem sabíamos sequer que a capela que descrevera existia.

A partir de então tornou-se a nossa alegria conversar com aqueles que considerávamos mortos, mas que descobrimos estarem bem vivos, mais até do que muitos dos que vivem na Terra. Com o tempo, diferentes entidades associaram-se a nós. Eram conhecidas como controladores. Os controladores não devem ser confundidos com os guias. Há uma diferença marcante entre ambos no que respeita ao seu trabalho específico. Há apenas um guia, mais conhecido no mundo como "anjo da guarda".

O dever especial do guia é assumir a tutela da alma de um indivíduo durante as suas experiências terrenas. O guia é o progenitor celestial da alma desde o momento em que se associa ao corpo de uma criança até deixá-lo para entrar nos reinos superiores. Os controladores são, de certa forma, especialistas. Por exemplo, médicos que passaram para a vida maior regressam e dão conselhos médicos; outros, como enfermeiros, clérigos e filósofos, tratam das suas áreas próprias.

O Rev. T. H. J. disse-nos que uma menina, filha de um marajá, seria associada ao círculo como porteira e mensageira. Explicou que ela não sabia falar inglês e que, com a ajuda de outros no mundo espiritual, teríamos de a ensinar. Soube-se também que, em vida, o desejo da menina era falar a língua da "Grande Rainha Branca" — a rainha Vitória —, mas que, devido a uma morte precoce causada pela mordedura de uma serpente, essa ambição não se concretizara. Contudo, disseram-

lhe, no mundo espiritual, que um dia o seu desejo seria realizado. E assim aconteceu que fomos escolhidos para ajudar a pequena.

Ao princípio pensei que estávamos a enfrentar uma tarefa sem esperança. Como poderíamos começar? Não podíamos conversar na língua materna da criança, e ela não conhecia a nossa. Pedi conselho ao Rev. T. H. J. Ele informou-me que a palavra falada seria interpretada mentalmente pelo espírito controlador para a menina, e que, por este processo, ela acabaria por compreender. Foi um trabalho moroso, que exigiu muita paciência, mas tinha a sua compensação, pois descobrimos que a criança era uma aluna muito apta.

Começámos pelo alfabeto, depois por pequenas palavras como gato, cão, pião, etc., até conseguirmos que repetisse e compreendesse pequenas frases. Mais tarde, introduzimos rimas infantis, de que ela gostava imenso quando já tinha adquirido prática. Ensinámo-la a cantar muitos dos hinos da Escola Dominical, sendo o seu favorito *Now the day is over*. Era um puro encanto ouvi-la cantar este hino. No fim, falava perfeitamente, exceto por um doce pequeno sotaque. O nome espiritual da criança era Belle, conhecida por espiritualistas de todo o mundo que a ouviram falar em diversas ocasiões.

Com o tempo, manifestaram-se parentes e amigos que tinham passado para a vida superior. Era para nós uma fonte de consolo saber que tinham sobrevivido à sepultura, e que estavam vivos e bem. Estávamos felizes com este novo entendimento, pois tudo parecia decorrer tão harmoniosamente. Mas uma experiência alarmante, para não dizer perturbadora, estava reservada para nós.

A conselho de amigos fomos a Londres passar o Natal com eles. Combinámos realizar uma sessão e preparou-se uma sala. Desde o início pressentimos uma condição perturbadora. Sentimos falta da habitual harmonia e luminosidade a que estávamos acostumados. A atmosfera era pesada e opressiva. Devido à nossa inexperiência, não conseguíamos compreender a razão dessa depressão.

Não tínhamos estado sentados muito tempo quando um dos participantes exclamou que sentia uma sufocação, como se o coração tivesse deixado de bater. O nosso cão collie, que estava na sala, começou a rosnar e a grunhir. Depois percorreu a sala como se procurasse algo, sempre a rosnar e a grunhir. De repente, ouviu-se uma gargalhada estranha, seguida de blasfémias. As maldições e linguagem obscena eram horríveis. Ficámos alarmados.

Imediatamente fizemos uma oração, depois cantámos hinos, esperando com isso restabelecer as condições adequadas e livrar-nos da influência indesejável que se tinha introduzido entre nós. Durante todo o tempo em que as orações eram ditas e os hinos cantados, epítetos desagradáveis eram-nos lançados aos gritos. Finalmente, um estrondo terrífico encheu o ar. O cão começou a uivar. Decidimos

encerrar a sessão e sair da sala o mais depressa possível. Nesse momento, o Rev. T. H. J., em voz alta, exortou-nos a rezar mais e a fazer o sinal da cruz.

Fizemos como nos foi dito. Passado algum tempo, um sentimento de paz e tranquilidade espalhou-se pela sala. Com esta condição mais serena, o Rev. T. H. J. informou-nos de que uma entidade indesejável conseguira entrar e, devido à nossa ignorância, causara as condições angustiantes que tínhamos experimentado. Avisou-nos para termos cuidado, no futuro, com a nossa atitude mental e espiritual. Antes de pronunciar a bênção, disse-nos que, caso encontrássemos dificuldades semelhantes no futuro, deveríamos encerrar imediatamente a sessão com uma oração.

Quando acendemos as luzes, encontrámos o tapete coberto de fragmentos do que fora em tempos uma figura de Buda. O Buda, antes da sessão, ocupava um lugar numa prateleira que fazia parte da cercadura que corria em volta da sala. Examinámos cuidadosamente todas as partes da sala, paredes, móveis, etc., mas não encontrámos marcas que pudessem ter sido causadas pelo Buda a embater. De facto, o estrondo retumbante fora ouvido por cima das nossas cabeças, e a única conclusão a que chegámos foi que o Buda fora destruído por forças psíquicas. Três dias depois realizámos outra sessão, e desta vez prevaleceram condições pacíficas.

Após uma discussão geral, o Rev. T. H. J. disse-nos que devíamos preparar-nos para uma sessão especial em que quatro médicos seriam associados ao círculo com o fim de curar através de mim. Respeitámos as suas instruções e realizámos a sessão alguns dias mais tarde. Depois da habitual oração e hino, o Rev. T. H. J. manifestou-se e dirigiu-nos um longo discurso. Antes de se retirar, disse que os médicos viriam, um a um, apresentar-se.

O primeiro a manifestar-se disse chamar-se Charles Wright, de Leeds, fornecendo o nome completo e morada. Declarou que fora, em tempos, consultor do Hospital de Mulheres e Crianças em Leeds. Exprimia a sua alegria por lhe ter sido dada oportunidade de ajudar os doentes e sofredores a partir do mundo espiritual, tal como procurara fazer em vida. Por sua vez, os outros três falaram. Cada um deu o seu nome e outros pormenores, como a morada, o ramo da medicina em que se especializava e o nome do hospital que visitava. Os seus nomes eram Scattergood, Jessop e Brown. O último era cirurgião e, segundo disse, era conhecido entre os habitantes como "Açougueiro Brown". Todos tinham vivido em Leeds e eram colegas. Os dados fornecidos por estes homens foram registados e devidamente verificados.

Cerca de dois anos mais tarde encontrámos um médico em Londres. Conversando sobre assuntos psíquicos, tema que muito o interessava, tivemos uma agradável surpresa. Ele conhecera Scattergood, que fora um dos seus professores nos tempos de estudante em Leeds. Mais tarde, outro médico lembrou-se de ter conhecido

Wright quando era jovem.
Não menos notável foi a ocasião em que Wright, numa sala pública em Londres, perante mais de 600 pessoas reunidas para ouvir a voz directa, exclamou: "Olá, enfermeira Groves. Como está, minha pequena profissional?" Uma senhora idosa na galeria respondeu, e ambos mantiveram uma animada conversa, para deleite dos presentes. Soube-se depois que esta senhora era enfermeira e costumava assistir às operações quando Wright era cirurgião. Ele chamava-a sempre "a pequena profissional". Diversos amigos e parentes falaram connosco após a partida dos médicos.

CAPÍTULO QUATRO

UMA "OPERAÇÃO" PSÍQUICA

Continuámos as nossas sessões ao regressar a casa e mantivemos os amigos informados dos acontecimentos. Passou algum tempo até que nos visitaram. Durante uma das sessões, um dos participantes queixou-se de uma dor aguda na região do coração. Pedimos a vinda de um médico espiritual para o aconselhar.

Wright diagnosticou imediatamente o problema, dizendo ao nosso amigo que consultasse o seu médico quando regressasse a Londres, e ouvisse o que ele teria a dizer. Quando este homem regressou a Londres, consultou o médico, que diagnosticou exatamente o mesmo problema que Wright. O médico disse-lhe que nada podia fazer para o ajudar, e que uma operação estava fora de questão. O único conselho que lhe deu foi fazer completo repouso, não conduzir o automóvel nem realizar qualquer atividade que implicasse esforço para o coração.

Consultámos Wright para saber se se podia fazer algo. Ele sugeriu que o nosso amigo obtivesse três semanas de licença médica, o que conseguiria facilmente com o atestado do seu médico, e viesse a Cardiff. Se tivesse fé no Poder Supremo, disse-nos, o mundo espiritual iria pô-lo bem. O nosso amigo conseguiu a licença necessária e, em tempo oportuno, veio com a esposa para Cardiff.

Realizámos uma sessão em que foram dadas instruções sobre o modo de proceder. Foi marcada a data da operação psíquica — como os comunicadores espirituais lhe chamavam — e, para obter mais poder, pediram-nos que convidássemos dois participantes adicionais.

Preparou-se uma cama de tratamento na sala de sessões, à volta da qual foi colocado um biombo. Uma mesa, onde pusemos uma luz elétrica vermelha, ficava à cabeceira da cama. Os presentes eram o paciente, que se submetia a esta experiência única, a esposa, dois homens convidados como participantes adicionais, a minha esposa e eu. O meu amigo deitou-se na cama de tratamento e eu fiquei ao

seu lado. Os restantes tomaram assento fora, afastados do leito com biombo. Quando tudo estava pronto, foi feita uma oração pelo Rev. T. H. J., o primeiro a manifestar-se, pedindo a ajuda e a mão orientadora de Deus para auxiliar os médicos na obra que estavam prestes a realizar. Em rápida sucessão, "voz" após "voz" fez-se ouvir a dizer: "Estou pronto para ajudar."

Wright manifestou-se então e pediu-nos que déssemos toda a ajuda possível através de pensamentos bondosos e simpatia amorosa. Perguntou-me se estava pronto para levar a cabo a operação segundo as instruções que se seguiriam. Respondi que sim, embora devesse confessar que estava nervoso. Era uma experiência nova para mim e não fazia ideia do que me seria pedido. Imediatamente os quatro médicos — as suas "vozes" vindo de cima da cabeça do paciente — realizaram uma consulta.

Quando chegaram a conclusões, Wright deu-me instruções do que fazer. Tinha de realizar certos passes, além de aplicar pressão em determinadas artérias. É interessante notar que os operadores espirituais sabiam quando eu estava a aplicar a pressão necessária, pois, em várias ocasiões, Wright chamou a atenção de que a pressão era insuficiente e pediu-me que pressionasse com mais força.

Pensei que estava a pressionar com força suficiente e não queria magoar o meu amigo com demasiada pressão, mas o paciente não se queixou. Após os passes e pressões, Wright instruiu-me a colocar os polegares numa determinada posição e, a um sinal seu, deveria pressionar fortemente e ao mesmo tempo mover o polegar esquerdo para a esquerda e o direito para a direita com um movimento rápido. Fiz como me foi instruído e ouviu-se um estalido distinto na região do coração. Simultaneamente, o meu amigo gemeu como se sentisse dor. Wright disse-nos que estava tudo bem e que não devíamos alarmar-nos.

Deu instruções para que o braço esquerdo fosse atado ao corpo do paciente, a fim de aliviar qualquer esforço que o peso pudesse exercer sobre o lado esquerdo, e pediu aos dois homens que me ajudassem a pô-lo na cama com o mínimo desconforto possível. Foi-lhe dito que teria de permanecer na cama pelo menos uma semana. Pelo seu estado posterior, não tinha vontade de sair dela. Fiz-lhe uma ligeira massagem diariamente e, ao fim de duas semanas, estava convalescente. Uma semana depois estava suficientemente bem para regressar a Londres. Não demorou muito a sentir-se como antes e, agora, vários anos mais tarde, nunca mais voltou a ser incomodado pelo coração.

Gostaria de dizer que até esta fase não sabíamos quem era o médium, e nunca nos ocorreu perguntar. Numa sessão posterior, pensei que um dos presentes tinha adormecido por causa da respiração pesada que ouvi. "Quem é que adormeceu?", perguntei. Antes que alguém respondesse, o Rev. T. H. J. interveio. "Está tudo bem", disse. "O que está a acontecer?", perguntei. "Estamos a pôr a Sra. Perriman a dormir", foi a resposta.

"Porquê?", questionei. Foi-me dito que estava a chegar um novo controlador e que a única forma de esta entidade se manifestar era através de uma condição de transe da médium. Após mais perguntas, o Rev. T. H. J. informou-nos de que a Sra. Perriman era a médium da voz direta.

Enquanto estava em transe, uma entidade controlou a minha esposa. Falando num acentuado dialeto escocês, a comunicadora deu o nome de Flora Macdonald. Quando lhe perguntaram se era a "Flora Macdonald do Príncipe Charlie", respondeu: "Não, mas uma descendente dessa linhagem." Disse-nos que fora enfermeira-irmã na Terra e que fora morta na primeira Revolta dos Boxers, na China, enquanto estava de serviço. Acrescentou que tinha sido nomeada uma das principais controladoras do círculo e que, no futuro, seria uma visitante frequente. Antes de nos desejar boa noite, afirmou esperar conseguir falar pela voz direta com um pouco de prática.

Puxámos pela perna da Sra. Perriman quando acordou. Ela não quis acreditar que tinha sido controlada por uma entidade espiritual, quando lhe contámos o que acontecera. Disse que só se lembrava de se sentir sonolenta e incapaz de manter os olhos abertos. Tivemos grande dificuldade em convencê-la de que estivera em transe. Quando finalmente assegurámos que não estávamos a brincar, ela mostrou-se alarmada e preocupada, e disse esperar que poderes invisíveis não a utilizassem novamente dessa forma sem primeiro pedirem a sua permissão.

CAPÍTULO CINCO

AS PRIMEIRAS MATERIALIZAÇÕES

Uma das sessões mais notáveis que realizámos em Cardiff teve lugar cerca de três meses após a "operação" psíquica, quando os nossos amigos vieram passar connosco as férias. Flora Macdonald disse-nos que iam tentar uma experiência e, para que se criassem as condições desejadas, pediu-nos que passássemos o dia ao ar livre, no próprio dia em que a sessão seria realizada à noite. Deveríamos comer com moderação e evitar carne de qualquer tipo.

A pedido de Belle, tocou-se música no gramofone. Vimos formar-se um camafeu de cabeça e ombros de uma controladora, conhecida por nós como Matron, com traje de enfermeira. Aproximou-se de cada participante e manteve uma conversa. Embora a manifestação em camafeu não tivesse mais de dez centímetros, era possível distinguir todas as feições. Depois de nos desejar boa noite, a materialização desvaneceu-se.

Comentávamos a última manifestação quando senti uma pressão no joelho esquerdo. Olhando para baixo, vi que Belle se tinha materializado parcialmente.

Tivemos uma longa conversa, ela olhando para mim e eu olhando para ela. Belle foi ter, por sua vez, com cada participante, sentou-se-lhes nos joelhos e conversou como tinha feito comigo.

Depois de Belle, comunicaram vinte e duas entidades, entre elas os quatro irmãos da minha mulher, mortos na Primeira Guerra Mundial, a minha mãe, o meu cunhado, dois camaradas do regimento, os sargentos Walwyn e Cross, mortos no mesmo dia em que fui ferido em Mametz Wood, em Julho de 1916, Flora Macdonald e W. T. Stead.

Pensando que a sessão tinha chegado ao fim, ficámos surpreendidos ao ouvir Belle dizer: "Pergunto-me o que poderei fazer agora antes de vos desejar boa noite." Após uma breve pausa, como se meditasse, disse: "Já sei, vou descer." A sala de sessões ficava no andar de cima. Quase à velocidade do pensamento, Belle já estava no piso inferior e de volta à sala de sessões, como soubemos quando me disse: "Toma isto." Estendi as mãos à frente e Belle colocou nelas uma capa de telefone, modelo de uma mulher vestida de veludo vermelho, com quarenta e cinco centímetros de altura. A capa estava na sala da frente, no piso inferior.

Belle voltou a dizer que ia descer. A brincar, pedimos-lhe que não esvaziasse a sala do seu mobiliário. Regressando num abrir e fechar de olhos, pediu-me novamente que estendesse as mãos. Desta vez colocou nelas quatro cinzeiros, um a um, contando-os à medida que os entregava, e por fim deu-me o suporte dos cinzeiros. Estes objectos também tinham sido trazidos da sala de estar do piso inferior. Um visitante perguntou a Belle se ela lhe traria algo. "Só um minuto", respondeu. "Deixa-me pensar. Já sei", acrescentou, e partiu. Logo a seguir pediu ao nosso amigo que estendesse as mãos. Colocou nelas o seu pincel de barbear, sabonete e máquina de barbear de segurança. Tinha-os trazido da casa de banho.

Voltando-se para a esposa dele, Belle disse que tentaria trazer-lhe algo. Novamente, em menos tempo do que se leva a dizê-lo, Belle fora ao quarto, apanhara a escova de cabelo e o pente dela e entregou-lhos. A minha mulher perguntou a Belle se também ia ser contemplada. "Sim", respondeu Belle, "mas espera um momento." Esperámos um pouco, depois ouvimos Belle dizer: "Aqui tens." Belle entregou à minha esposa a sua borla de pó e taça, retiradas de uma cómoda noutro quarto. Foi o fim. Depois de o Rev. T. H. J. ter pronunciado a bênção, encerrámos a sessão com oração e ação de graças por termos sido honrados em presenciar estes fenómenos extraordinários. O relógio soava a meia-noite quando saímos da sala de sessões. Tínhamos passado quatro das horas mais maravilhosas das nossas vidas.

Durante uma das nossas frequentes visitas a Londres para ficar com os amigos, tivemos uma experiência divertida. Combinou-se, certo dia, encontrarmo-nos com o marido no seu escritório, em Victoria Street, S.W.1, por volta das 17h30. Já estava a escurecer quando chegámos ao escritório, no rés-do-chão de um grande edifício.

Sentámo-nos no gabinete privado dele enquanto despachava a correspondência antes de a entregar à datilógrafa para enviar. Depois de a datilógrafa sair, fomos para o escritório geral conversar sobre os acontecimentos do dia antes de irmos tomar chá. Não nos demos ao trabalho de acender as luzes, porque as muitas luzes dos escritórios vizinhos iluminavam suficientemente para o curto tempo que pretendíamos ficar.

Tínhamos apenas começado a falar quando Belle interrompeu a conversa: "Que sítio engraçado para me trazerem; parece uma cave." "Ninguém te pediu que viesses", respondi. "De qualquer forma, eras a última pessoa que esperávamos." Disse então que ia dar uma volta a ver o que encontrava de interessante. Reparando em algo que lhe despertou curiosidade, perguntou se eu podia dizer-lhe o que eram as coisinhas na prateleira. Respondi que não sabia, mas que, se me passasse uma, talvez conseguisse identificar. "Aqui, apanha", disse Belle. Formei uma concha com as mãos para agarrar o que atirou, mas falhei. O objeto caiu no chão com um baque. Procurando às apalpadelas, descobrimos que era um pequeno peso, como os usados em balanças. O nosso amigo disse que havia vários guardados na prateleira de cima.

Belle perguntou então: "O que são estas caixas?" Respondi: "Não sei." "Apanha esta", disse ela. Falhei de novo, e a caixa caiu no chão. O impacto fez saltar a tampa e o conteúdo — envelopes — espalhou-se pelo chão. Enquanto os apanhávamos, ela disse: "Boa noite, senhor homem." Perguntámos a quem se referia. Belle respondeu: "Ah, ao homem careca da sala ao lado. Está a pôr o chapéu para ir para casa." Logo a seguir ouvimos a porta da sala contígua a fechar-se. O nosso amigo confirmou que o homem do escritório ao lado era careca.

Belle disse que havia uma bacia de água que deveria ter sido despejada, pois não estava limpa. Mesmo onde estávamos sentados havia um canto resguardado por cortina onde a datilógrafa guardava chávenas, pires, bacia, etc., e preparava chá da manhã e da tarde. Belle disse que não gostava da bacia de água onde estava e que a ia mudar. Imaginem o nosso espanto ao vermos a bacia, cheia de água até três quartos, a flutuar no ar a cerca de sessenta centímetros do chão. Enquanto flutuava da cortina até assentar aos nossos pés, olhámos uns para os outros espantados. Antes de recuperarmos totalmente, Belle disse: "Pronto, já está. Agora vamos tomar chá ao Dicken's Café."

Pediu-nos que parássemos diante dos espelhos ao entrar no café. "Teríamos um ar engraçado", disse, "e ela rir-se-ia." Naquela altura, havia uma série de espelhos deformantes por onde se passava ao descer para o café.

Ao entrar, escolhemos uma mesa sob um dos arcos de descarga, em forma de túnel. A empregada veio anotar o pedido. Enquanto esperávamos que fosse servido, ouviram-se fortes pancadas debaixo da mesa. A própria mesa começou a balançar,

fazendo tilintar a loiça. Estávamos embaraçados, mas quando a mesa começou a erguer-se do chão, assustámo-nos. E se os outros clientes notassem o que se passava? Receávamos que a empregada chegasse com a comida e visse a mesa suspensa no ar. Felizmente, a mesa desceu e tudo estava normal quando a empregada voltou com o pedido. Respiramos de alívio.

CAPÍTULO SEIS

OS NOSSOS DOIS INTRUSOS

Passava da meia-noite quando encerrámos uma sessão. Desci apressadamente para preparar uma pequena refeição antes de me deitar. Acabara de pôr a chaleira ao lume quando a campainha da porta de entrada tocou. Admirado com uma visita a essa hora, surpreendi-me ao ver que era um polícia.

"Há alguém doente aqui?", perguntou. "Não, porquê?", respondi. "Bem, quando vinha de bicicleta, reparei num homem a sair do portão e a correr pela estrada acima. Vendo a porta aberta, toquei à campainha, pensando que, se alguém estivesse doente, poderia ser útil." Expliquei-lhe que ninguém estava doente e que não podia justificar a presença do homem. "Nesse caso, pode ser que tentasse arrombar a casa. Vou seguir de bicicleta e tentar alcançá-lo. Quer esperar até eu voltar?"

Cerca de dez minutos depois regressou, dizendo não ter conseguido localizar o homem, e sugeriu que inspecionássemos a casa para verificar se tinha entrado e levado algo. Com a ajuda de lanternas, procurámos entre as árvores e arbustos do jardim da frente. Debaixo de um grande arbusto, o agente encontrou cinquenta discos de gramofone. Tinham sido retirados da sala de baile, onde encontrámos marcas de botas enlameadas, obviamente do intruso. Cada divisão foi examinada a fundo pelo polícia. Na sala de jantar descobrimos que o aparador tinha sido esvaziado da baixela de prata. Um casaco e uma capa de noite tinham também sido levados do guarda-roupa da minha mulher.

Não podíamos muito bem dizer-lhe que tínhamos estado a realizar uma sessão espírita quando nos perguntou se tínhamos ouvido algum ruído, o que não acontecera.

Depois da sua partida, perguntámo-nos por que razão nenhum dos comunicadores espirituais nos avisara de que um visitante indesejado se encontrava em casa durante a nossa sessão. Sugeri que, depois da refeição, perguntássemos aos amigos espirituais o motivo dessa omissão.

Quando a Belle se manifestou, perguntei-lhe se sabia algo sobre o sucedido. Disse-me que sabiam que havia lá um homem. Era pobre, a esposa estava gravemente

doente e os filhos não tinham comida. A Belle disse que ele não era um homem mau e que fizera o que fizera pela mulher e pelos filhos.

"Como sabes tudo isso?", inquiri. "Fomos a casa dele", respondeu. "Nesse caso, consegues dizer-me onde vive o homem." "Consigo, mas não me será permitido fazê-lo a menos que prometas que não lhe farás mal." Apesar da nossa perda, não tinha desejo de piorar a sorte daquele pobre homem e da família; por isso disse à Belle que, da minha parte, nada mais seria feito quanto ao assunto, mas esperava que não tivéssemos mais visitantes noturnos.

A Belle deu então uma descrição detalhada do homem e da sua casa. Por curiosidade, fiz algumas averiguações, que confirmaram as declarações da Belle. Estávamos, no entanto, fadados a ter outro visitante indesejado. Estávamos a realizar uma sessão quando a Belle disse que teríamos de parar. Questionada sobre a razão, disse-nos que havia um homem a tentar entrar em casa, acrescentando que estava no jardim de inverno. "Depressa, mas tenham cuidado", disse a Belle. Desci imediatamente a correr enquanto um amigo se apressava para um quarto com vista para o jardim. Ao entrar na sala de baile, ouvi um grito do meu amigo.

Tinha visto o intruso a fugir pelo jardim. Sem hesitar, levantou a janela e deu um salto em voo para o jardim. Admirava-se que não lhe tivesse partido o pescoço. De qualquer modo, ficou atordoado e, quando recuperou, o fugitivo já tinha transposto o muro. Liguei de imediato à polícia, que chegou rapidamente. Apesar da busca, na qual todos participámos, não se encontrou rasto do intruso.

Desta vez não sofremos perdas, mas a polícia encontrou um pacote de pimenta no jardim de inverno, deixado, sem dúvida, pelo intruso na pressa de fugir. Obviamente, este sujeito era um tipo duro, e foi por isso que a Belle nos avisara para termos cuidado.

Uma senhora, que conhecêramos numa visita a Londres, convidou a minha mulher e a mim para passarmos umas curtas férias com ela na sua residência temporária em Rye. A casa era de um dos tipos antigos pelos quais Rye é conhecida. Ficava na Watch Bell Street, em frente da moderna, mas encantadora, Igreja Católica Romana. A nossa anfitriã tinha apenas uma criada, uma cozinheira-geral, que era católica romana.

Certa noite, quando nos sentámos para o jantar, pareceu-nos ouvir uma pancada vinda de debaixo da mesa. Não lhe ligámos muito, mas quando se sucederam fortes baques, ficámos alerta. Ao mesmo tempo, reparamos que a mesa oscilou ligeiramente, o que quase entornou a sopa dos pratos.

"O que é que se passa aqui?", perguntei. "Não vou arriscar que a sopa se vire para cima de mim." Sugeri que nos afastássemos da mesa. Depois de o fazermos, vimos a mesa, com tudo em cima, erguer-se do chão com um movimento oscilante. Ficou

suspensa cerca de trinta centímetros acima do piso. De repente, disparou para o outro lado da sala. Que toda a loiça, prata, etc., não tivesse sido varrida para o chão pareceu um milagre. Até a sopa ficou intacta.

Olhámos para a mesa, agora imóvel, e interrogámo-nos sobre o que se seguiria. Ansioso por prosseguir o jantar antes que arrefecesse, sugeri que seria melhor quem estivesse no controlo trazer a mesa de volta e permitir-nos continuar. No instante seguinte, ela ergueu-se do chão e flutuou — não há outra palavra — pela sala, regressando à posição original. Jantámos então sem mais interrupções.

Era uma mesa de refeitório muito antiga, tão pesada que eu não a conseguia levantar. Devia pesar bem mais de cinquenta quilos. Depois do jantar, subimos para tomar café e pensámos em perguntar aos amigos espirituais sobre o que acontecera na sala de jantar.

A Belle veio e parecia muito divertida. Disse-nos que alguns dos rapazes se tinham juntado para ver o que conseguiam fazer e que estavam bastante satisfeitos com os resultados.

A Belle interrompeu a conversa. "Vou tentar fazer uma coisa", disse. "O quê?", perguntei. "Não vou dizer", respondeu. "Ainda não consigo, mas vou esperar até conseguir." A Belle recusou-se a dar mais informações. Cheios de expectativa, aguardámos em silêncio.

De repente, disse: "Já está; agora consigo." Num ápice, chamou a nossa anfitriã e a mim para estendermos as mãos. Assim fizemos. "Santo Deus", exclamei. "O que é isto?" "Algo que fui buscar lá em baixo", respondeu a Belle. "Mas está quente", observei.

A nossa anfitriã disse que o objeto que lhe fora dado também estava quente. Passando a mão por cima do artigo que eu tinha recebido, percebi que era uma colher de sobremesa. Disse-o, e a nossa anfitriã comentou: "A mim também me deram uma." Perguntei à Belle como conseguira obtê-las. Disse-nos que estava a ver a criada a lavar a loiça no piso de baixo e que, assim que ela virou as costas, apanhou as duas colheres e trouxe-as para nós. A nossa anfitriã disse que iria fazer umas perguntas.

Saiu do quarto, chamou a criada e perguntou se toda a prata estava em ordem. "Penso que sim", respondeu a criada. "Para ter a certeza, queira, por favor, verificá-la", disse a nossa anfitriã. Passados uns minutos, a criada voltou e informou a patroa de que faltavam duas colheres de sobremesa. Não conseguia explicar, porque toda a prata estava junta quando começara a lavar.

"Aqui estão as duas colheres em falta", disse a nossa anfitriã, entregando-as à criada, surpreendida e embaraçada. "Mas eu não as trouxe para cima", disse a

empregada. "De certeza que não pensa que possam ser fantasmas?" A criada não foi esclarecida sobre o assunto, mas houve um epílogo. Aspergiu água benta pela casa e, logo na manhã seguinte, procurou o padre do outro lado da rua.

Em contraste com estes acontecimentos, durante uma das nossas frequentes visitas a Londres tivemos uma sessão mista, mas interessante. Com os nossos amigos, fomos convidados por uma senhora a realizar uma sessão no seu apartamento perto do Covent Garden Market. À chegada, descobrimos que convidara duas amigas, pelo que o nosso número totalizava sete.

A Belle abriu os trabalhos à sua maneira inimitável. Seguiram-se vários controladores. Depois voltou e perguntou se ajudaríamos alguém a comunicar. Houve uma pausa; depois surgiu uma voz a fazer um esforço desesperado para se fazer entender. Estávamos quase a desistir por parecer impossível quando, num último esforço, o comunicador gritou: "É o Jimmy! É o Jimmy!"

"Jimmy quem?", perguntámos. "É o Jimmy! É o Jimmy! Não me conseguem ouvir?" Dissemos que o ouvíamos, mas que ajudaria se pudesse dizer o nome completo. "Sou o Jimmy White", veio a resposta. "Digam à minha mulher que eu não tinha a intenção de o fazer. Por favor, digam-lhe como estou arrependido por ela ter ficado como ficou. Digam-lhe, por favor, como estou arrependido e que lhe envio o meu amor. Estou contente por me ter conseguido fazer entender e agradeço-vos a todos por me ajudarem a comunicar. Não se esqueçam de dizer à minha mulher. Boa noite e que Deus abençoe a minha mulher."

Foi uma experiência comovente. O Jimmy White, o financista, falecera em circunstâncias trágicas, mas, pelo apelo que nos fez, não há dúvida de que não lhe faltavam generosidade e consideração pelos outros. Pelo que entendi, a mensagem foi transmitida à esposa através da senhora em cuja casa realizámos a sessão.

Depois da partida do Jimmy White, divertiram-nos com um pouco de canto. Uma voz feminina e rouca começou a cantar: "I'm one of the ruisis that Cromwell knocked about a bit." Ouvimo-la cantar a canção inteira. Era a única e inigualável Marie Lloyd. Estava exatamente como era em vida, e pôs-nos a rir às gargalhadas com o seu humor e espírito.

À parte não a termos visto, poderíamos facilmente estar sentados num *music hall* a ouvir a verdadeira Marie Lloyd, tal era a naturalidade da sua atuação. Falou com carinho das filhas e desejou-lhes felicidades. Antes de partir, brindou-nos com outra canção sobre o "old cock linnet".

Mal nos tínhamos recomposto do momento frenético que a Marie Lloyd nos proporcionara, quando se ouviu uma voz fraca, acompanhada de tosse, a cantar: "I was standing at the corner of the street." Depois de cantar a canção toda, o comunicador disse: "Boa noite. É o George, sabem, o George Formby. Já não estou

a tossir tão mal esta noite, pois não? Acabei de ver a Marie Lloyd e pensei em tentar." Dissemos-lhe que tinha conseguido muito bem e que ficávamos contentes por o ter connosco.

"Agora já não tenho chatices com o peito, sabem", disse, "mas gostava de vos cantar outra canção, se não se importarem." Soava a algo como: "I'm very fond of sea life, and my wife, by the way, she said to me, 'John. Willie, you shall have a holiday'."

Durante a canção, interrompeu e fez um pequeno *patter*. "Lá estão outra vez", disse. "Quem me dera que esses carpinteiros de palco não deixassem pregos espetados no palco." Seguiu-se então uma conversa entre o George e um maestro imaginário da orquestra. Foi espantoso. Quase nos esquecemos de que estávamos a ouvir alguém que passara pelo vale das sombras. O George Formby disse-nos como estava feliz na sua nova condição de vida e que esperava que o filho mantivesse as tradições que ele próprio fundara.

Depois desta sessão, quando regressávamos a Cardiff de automóvel, testemunhámos um fenómeno invulgar.

Tínhamos parado para um piquenique, a um ou dois quilómetros para lá de Witney. No local, corria paralela à estrada, por algum trecho, uma larga berma de relva. Terminando o almoço, o meu amigo e eu arrumámos tudo enquanto as senhoras foram dar um passeio tranquilo pela relva. Não tinham ido mais de um ou dois minutos quando as ouvimos chamar por nós. Olhando, vimo-las a acenar freneticamente e a fazer-nos sinal. Apressámo-nos a ir até elas, a pensar no que teria acontecido para causar tal excitação.

Ao chegarmos, vimos milhares de belas borboletas de uma espécie que não tínhamos visto antes nem voltámos a ver. Não eram maiores do que uma moeda de xelim. A parte superior das asas era de um azul-turquesa profundo, com veios dourados, e a parte inferior era de um azul "casca de ovo", com veios prateados. Conseguíamos manuseá-las, e pareciam estar aturdidas. Impressionou-nos o facto de não tentarem voar. Era como se estivessem num círculo mágico do qual não podiam sair. Esvoaçavam languidamente num espaço de cerca de três metros quadrados. Apesar dos nossos esforços para as afugentar, não nos ligaram. Ficámos quase quinze minutos a observá-las, quando, de súbito, desapareceram.

Contámos o sucedido aos amigos espirituais na sessão seguinte e informaram-nos de que tinham sido responsáveis pelo fenómeno. Explicaram que as borboletas tinham sido trazidas por eles de outro país.

CAPÍTULO SETE

O CHAMADO AO SERVIÇO

A minha mulher e eu continuámos a realizar as nossas sessões todas as quartas-feiras e domingos à noite e, mal uma terminava, já ansiávamos pela seguinte. Em breve iríamos saber de algo que havia de mudar todo o curso das nossas vidas.

Certa noite, a Flora Macdonald falava-nos. "Há trabalho para vocês", disse ela.
"Então não estamos a trabalhar agora?", perguntei.
"Claro que estão", respondeu, "mas tenho em mente um trabalho de outro tipo."
"Explique, por favor", insisti.
"Pois bem", continuou, "quero que ambos entendam que este dom, dado por Deus, da voz direta, se destina a ser fruído por muitos e não apenas por vocês."

"O que sugere que façamos?", foi a minha pergunta seguinte. Ela disse que era desejo dos do Outro Lado que fôssemos para Londres, onde deveríamos dedicar as nossas vidas ao serviço dos outros, usando este dom para confortar os enlutados.

"Está bem, Flora Macdonald", disse eu, "mas, no que me diz respeito, não tenho vontade de abandonar o meu negócio, nem desejo particular de sair daqui para Londres. As coisas vão a correr muito bem e não vejo sentido em deitar tudo a perder aqui por uma incerteza em Londres."

Durante a meia hora seguinte, mais ou menos, a Flora Macdonald e eu discutimos, a favor e contra, o projeto. A minha principal objeção era — e parecia-me sólida — a comercialização do dom.

A resposta dela foi que o trabalhador é digno do seu salário. Ninguém se opõe a que um clérigo seja pago pelo seu trabalho. Qual seria, então, a objeção a sermos pagos por um trabalho semelhante? Em todo o caso, poderíamos sempre convidar para as sessões uma ou duas pessoas que não pudessem pagar e, assim, fazíamos duas boas ações. Ainda assim, hesitei. No entanto, prometi pensar no assunto. A minha mulher e eu conversámos longamente, mas nenhum de nós se mostrou disposto a fazer a mudança drástica sugerida.

Na sessão seguinte, a Flora Macdonald e eu retomámos os argumentos. Acabei por prometer procurar uma casa adequada, contar com a ajuda dos nossos amigos em North Harrow e ver o que se poderia fazer.

Caiu então uma bomba. Devido a uma súbita crise nos negócios e a uma mudança desfavorável de circunstâncias, o nosso futuro, que duas semanas antes parecera risonho, agora mostrava-se muito negro. Ficámos momentaneamente atordoados com o golpe. Quaisquer esperanças de irmos para Londres desapareceram, pensávamos nós, por dificuldades financeiras. A Flora Macdonald, contudo, assegurou-nos que tudo ficaria bem e que nada tínhamos a temer.

Arranjar um lugar em Londres que fosse adequado às nossas necessidades não foi fácil. Fomos de desilusão em desilusão. O que pareceu ser a gota de água foi eu torcer o tornozelo quando saía apressado do escritório de um agente imobiliário a caminho de visitar uma casa. Era um quadro lastimoso quando cheguei a casa, de madrugada, vindo de Londres. O tornozelo estava com o dobro do tamanho normal e muito doloroso. Cocheei pelas escadas acima, de mau humor. Disse à minha mulher que, depois do dia anterior, não queria voltar a ver Londres. Quanto a procurar casa, para mim chegava.

Nessa mesma noite fizemos uma sessão. Eu queria ter oportunidade de dizer à Flora Macdonald que tinha lavado as mãos do projeto londrino. Ela ouviu, sem interrupção, o meu longo relato de desgraças. Quando terminei, disse:
"Pois bem, sargento Perriman, não importa o que diga. Eu digo-lhe agora que irá a Londres, e muito mais cedo do que espera."
"Muito bem, veremos", respondi. "Sim, veremos", replicou ela.

Na manhã seguinte recebi uma carta de um amigo em Londres a informar-me de que conhecia umas instalações adequadas e que, se eu lhe comunicasse a minha decisão pelo correio de regresso, ele falaria com o senhorio. Eu não sabia o que fazer. A minha mulher sugeriu que consultasse a Flora Macdonald. Disse-lhe que, se a consultasse, já imaginava o que ela diria — e não seria o conselho que eu queria ouvir. Contudo, concordámos em fazer uma sessão para discutir a situação e ouvir o que a Flora Macdonald tinha a dizer. Como eu previa, ela disse-me para escrever imediatamente ao amigo a dizer que veria o senhorio daí a poucos dias. Esses poucos dias permitiriam ao meu tornozelo ganhar força, pois ela não queria ver "o pobre sargento Perriman a coxear até Londres".

Pareceume haver um toque de ironia escocesa na referência ao meu coxear e, receio, seguiu-se uma batalha de palavras sobre as qualidades respetivas dos escoceses e dos ingleses. A Flora Macdonald teve a última palavra. Eu, pobre de mim, rendi-me e prometi ir a Londres.

Apesar de não termos meios para suportar o custo da mudança de Cardiff para Londres, escrevi a vários transportadores a pedir orçamentos. Entretanto, perguntei à Flora Macdonald pelo pecúlio para pagar. Ela disse-me que não me preocupasse, pois tudo correria bem.

A seu tempo, recebi os orçamentos e vi que iam muito além do que antecipara. Como a Flora Macdonald fora a principal impulsionadora deste estado de incerteza, achei que seria bom discuti-los com ela.

"Claro que são demais", disse. "Óch, uma escocesa não pagaria tanto dinheiro."
"Provavelmente não", respondi, "mas, a menos que seja você a fazer-nos a mudança, não vejo como a poderemos obter mais barata."

"Vão consegui-la muito mais barata", afirmou, "e de uma forma que menos esperam. É só esperar para ver."

Na noite seguinte, quando a minha mulher e eu regressávamos a casa, reparei numa carrinha de mudanças e atrelado, com o nome de uma firma de Londres, num terreno vago. Não havia ninguém de guarda. Como havia uma pequena estalagem ali perto, pensei que o motorista pudesse estar a tomar um refresco. Lá estava ele. Soube que transportava um carregamento de mobília que seria entregue nas proximidades na manhã seguinte. Disse que regressaria a Londres vazio, a menos que recebesse instruções em contrário da firma.

Disse ao motorista que ia mudar-me para Londres, mas que não tinha a certeza de a casa que ia tomar estar pronta, pois só estava previsto para daí a uma quinzena. Sugeri que passasse por minha casa na manhã seguinte para me dar um orçamento. Concordou.

Ao chegar a casa, fizemos uma sessão. "Então", disse a Flora Macdonald, "não lhe disse que ouviria falar de algo de modo inesperado e que conseguiria a mudança muito mais barata?"

"Ainda não recebemos orçamento deste homem", respondi, "por isso não sei se será mais barato ou não."

"Ouça-me", disse ela. "Quando esse homem vier amanhã, diga-lhe o incómodo a que ficará sujeito com uma mudança apressada e que, a menos que o orçamento seja moderado, preferirá esperar. Melhor ainda: diga ao homem quanto está disposto a pagar."

"E que tal sugerir um valor?", perguntei. "Pois sugiro", respondeu, indicando uma quantia que me pareceu ridícula. "Não há dúvida de que é escocesa", disse-lhe. "Ora, se eu disser ao homem que só estou disposto a pagar o que sugere, ele ou cai para o lado ou pensa que estou maluco."

"Não se preocupe com isso", prosseguiu a Flora. "Pode dar por certo que lhe farão o trabalho pelo valor que proponho. E agora, avance."

"Antes de ir, Flora, e o pecúlio?", perguntei. "Isso há de aparecer", respondeu, bruscamente. "Boa noite!"

Quando o homem veio no dia seguinte, disse-lhe quanto estava disposto a pagar pela mudança. A cara dele foi um estudo. Disse: "Nós não fazemos isto para benefício da nossa saúde."

"Claro que não", respondi, "mas é melhor do que regressar vazio." Sugeri que fizesse uma chamada interurbana à firma para saber a opinião deles. Concordou, mas disse: "Receio que não considerem a sua proposta." Seja como for, quando

regressou da cabine telefónica disse-me, muito surpreendido, que a firma aceitara a minha proposta sem discussão e que enviariam de imediato o contrato. Combinou vir, com o ajudante, à noite, para embalar a loiça e o vidro, prontos a carregar na manhã seguinte. Entretanto, enviei um telegrama ao senhorio a perguntar se seria possível mudar-me imediatamente. Recebi resposta de que estava tudo bem.

Agora estava tudo em ordem, exceto o pecúlio. Enquanto os homens carregavam, o carteiro entregou uma carta com um cheque que mais do que cobria o custo da mudança. A sorte esteve connosco durante o transporte. A carrinha não tinha andado mais de meia hora quando caiu uma chuva torrencial. Foi tal o aguaceiro que quilómetros de campos e estradas ficaram inundados.

Quando encontrei os homens em Londres, na noite seguinte, contaram-me as suas peripécias. Tinham conseguido chegar a Gloucester mesmo a tempo de ouvir que a estrada principal por onde vinham ficara alagada, tornando-se intransitável. Ainda assim, cá estava a nossa mobília, sã e salva, e nós prontos para a grande aventura.

Enquanto escrevo, estamos no sétimo ano desta aventura. Desde o advento do fenómeno da voz, realizámos cerca de duas mil e quinhentas sessões e ouvimos mais de dez mil entidades espirituais discursar. A partir destes números, compreender-se-á como é impossível registar neste livro tudo o que aconteceu. Por essa razão, limito-me a algumas das sessões mais interessantes.

A primeira em que ocorreram fenómenos invulgares deu-se cerca de três meses após a nossa chegada a Londres. Em consequência de uma palestra pública que fiz, conhecemos uma família escocesa de visita a Londres, vinda da Rodésia do Sul.

Convidámo-los para uma sessão e soubemos, pela Flora Macdonald, que a filha tinha mediunidade potencial de voz. A Flora disse que ela precisaria de desenvolvimento e pediu-nos que nos sentássemos para o desenvolvimento com a jovem e os seus pais. Oferecemos-lhes a nossa sala de sessões nas tardes de domingo. Numa dessas sessões, tivemos uma surpresa — e um pequeno susto.

O marido sentou-se ao lado da minha mulher, à sua esquerda, a filha ao lado dele e depois a mãe dela. Eu estava junto ao piano, caso fosse necessária música. Estivemos algum tempo sentados a conversar quando o marido, muito alarmado, me chamou: "A sua esposa não está aqui!"

"O que quer dizer com 'não está aqui'?", perguntei. "Desapareceu!", exclamou. Chamei pela minha mulher, mas não obtive resposta.

"Tem a certeza de que ela não está na cadeira?", perguntei ao marido. "Absoluta", respondeu. "Ela estava aqui há um momento, mas agora a cadeira está vazia."

Tornei a chamar pela minha mulher, mas continuou sem responder. Eu sabia que ela não podia sair da sala porque as portas estavam trancadas e eu tinha as chaves. Pela

terceira vez chamei, sem resposta. "Já chega disto", disse eu, "vou descobrir o que lhe aconteceu. Vou acender as luzes."

Enquanto falava, a Flora Macdonald gritou: "Deixe as luzes em paz, sargento Perriman. Nós temos-na, e ela está perfeitamente segura."

"Têm-na?", perguntei; "o que quer dizer?" "Levámo-la a dar um pequeno passeio", respondeu. "Acalme-se." Nesse momento, ouvimos a minha mulher a chamar-nos. A voz parecia vir de muito longe, como que do cimo da casa. "Vocês têm um aspeto engraçado aí em baixo", disse ela.

"Deixa lá o nosso aspeto engraçado", respondi. "O que quero saber é: onde estás?"

"Estou aqui em cima", disse. "Lá em cima onde?", perguntei, desgostoso. Sentindo-me irritado, pedi à Flora Macdonald que explicasse o que acontecera. "Se quer saber", disse a Flora, "levitámos a sua esposa. Descobrimos que o poder aqui, esta tarde, era adequado a este tipo de fenómenos, e experimentámos."

"Muito bonito, sim senhor", repliquei. "Mas supondo que algo tivesse acontecido que lhe causasse um ferimento grave, e então?"

"Se as condições não fossem ideais e não soubéssemos que nenhum mal adviria à sua esposa, não teríamos tentado o que fizemos", respondeu. Perguntei à Flora a que altura a minha mulher tinha sido levitada, e ela disse-me que fora levada acima do telhado.

Seguiu-se a descida da minha mulher. Ouvimos a Flora a dar instruções a outras entidades, dando-nos a impressão de que a minha mulher estava a ser sustentada por elas na descida. Durante todo o tempo, a Sra. Perriman comentava a sensação curiosa — "sentada numa nuvem", foi a expressão acertada que usou. Ao aproximar-se da cadeira, a Flora deu instruções para a soltarem. Ouvimo-la cair na cadeira. Ao fazê-lo, respirámos de alívio.

Terminada a sessão, perguntámos à minha mulher sobre a experiência. Disse-nos que sentira como se estivesse a ser alongada e coberta de algodão. Não teve sensação de subida, mas de repente deu por si a olhar cá para baixo, de grande altura, por dentro de um tubo comprido. A sala escura de sessões estava perfeitamente iluminada para ela, e foi por isso que nos conseguiu ver.

Ao ser descida, foi como descer num elevador sem paredes. Sentia-se sem forma e leve como uma pena. Quando caiu na cadeira, teve a sensação de ser remoldada à sua forma natural, acompanhada de um formigueiro. Durante um pequeno período, o sistema nervoso sensorial não funcionou de modo normal.

Questionada se tinha gostado da viagem, a minha mulher disse que, se soubesse o que as pessoas do espírito tencionavam fazer, teria receado confiar-se.

Concordámos que seria preciso muita coragem para se submeter a tal provação e duvidámos de que teríamos arriscado. Como eu disse, "há maneiras menos alarmantes de perder a esposa do que por levitação". Numa sessão posterior, a minha mulher foi novamente levitada, mas dessa vez não se importou.

Noutra ocasião, foi dito a um jovem pela Flora que ele possuía uma invulgar mediunidade física. Se todos concordássemos, as pessoas do espírito testariam os seus poderes numa sessão a combinar, desde que ele não se importasse. Ele anuiu, nós também, e a sessão realizou-se. Éramos apenas três. Instruindo-nos a colocar as mãos sobre o plexo solar, para conservar a força, a Flora disse-nos que estavam prontos.

Primeiro, a nossa atenção foi atraída por uma grande luz que apareceu sobre as nossas cabeças. Depois de permanecer imóvel por algum tempo, começou a descrever círculos pela sala. Vasos de flores, que estavam no nosso pequeno altar, foram trazidos até nós. O meu grande gramofone de móvel, sobre o qual eu apoiava os braços, disparou para longe, fazendo-me perder o equilíbrio e ir ao chão. Queixei-me e disse que podiam ter avisado o que estava a acontecer. "Aqui está", disse a Flora Mac, "aí tem o seu gramofone."

No momento seguinte, ele foi empurrado para mim. Vimos então uma luz junto da minha mulher e ouvimo-la dizer: "Estou a subir." A luz era forte o suficiente para vermos o seu contorno. Vimo-la suspensa a cerca de metro e meio do chão. Perguntei como se sentia. "Ótima", respondeu, "mas espero que não me deixem cair." "Não faremos isso", disse a Flora. A seguir vimos a minha mulher a flutuar pela sala e a subir até ao teto, onde parou. A luz parecia estar presa a ela. Estava muito divertida, e nós também. Passado algum tempo começou a descer e, de novo, flutuou pela sala.

Ao passar perto de mim, desejei-lhe *bon voyage*. Por fim, veio repousar suavemente na cadeira. Pensei que seria uma forma barata e confortável de viajar, mas não obtive encorajamento da Flora. "Ande a pé; faz-lhe bem", disse ela.

CAPÍTULO OITO

UMA SESSÃO DE ÁRVORE DE NATAL

Havia duas ocasiões que aguardávamos com expectativa todos os anos: a sessão da árvore de Natal das crianças do espírito e a sessão do serviço de Remembrance. A ideia de as realizarmos veio do mundo espiritual.

Devido à grave doença da minha mulher, seguida de três acidentes, incluindo um embate de automóvel, e à minha própria doença, passámos um período bastante duro no primeiro ano em Londres. No início de dezembro, as coisas estavam tão

más quanto podiam estar; o único ponto positivo era a melhoria do nosso estado de saúde. Foi então, quando estávamos sentados a sós, que se mencionou pela primeira vez a ideia de ter uma árvore de Natal para as crianças do espírito.

A Belle, depois de nos cumprimentar, disse, cheia de entusiasmo: "Vamos ter uma árvore de Natal para as crianças." "Crianças de quem?", perguntei. "Ora, as crianças do espírito", disse ela. "Têm de arranjar uma árvore de Natal, juntar moedinhas para brinquedos e, quando as crianças do espírito tiverem brincado com eles, levarão os brinquedos às pobres criancinhas que estão na vossa esfera. Vão receber uma carta de um homem que fala sobre Jesus, pedindo-vos que o ajudem a providenciar algo para as pobres criancinhas de que ele trata."

"Um momento, Belle", interrompi, "isso soa muito bem, mas como esperas que nós, que não temos 'moedinhas' e com pouca esperança de as obter, compremos uma árvore de Natal e arranjemos brinquedos? Certamente, se há duas 'crianças pobres' a precisar de ajuda, somos o médium e eu. Por muito que quiséssemos concretizar a tua sugestão, não podemos fazer o impossível." Mas a Belle não se deixou demover. Disse-lhe que teríamos de esperar para ver.

"Esperar para ver", exclamou a Flora, que se manifestou naquele momento. "Farão como a pequenina sugeriu e arranjarão uma árvore de Natal e brinquedos." "Mas…" "Não há 'mas' nem 'ses'", disse a Flora antes que eu concluísse a frase. "Faça como quiser", respondi, "mas continuo sem ver como isso vai ser feito", acrescentei. "Hão de ver", retorquiu ela.

Falámos com várias pessoas sobre a ideia e elas concordaram em ajudar-nos. Como resultado, tivemos uma bonita árvore, uns cinquenta brinquedos e trinta e cinco xelins em dinheiro. A propósito, recebi uma carta de um pároco de uma das paróquias mais pobres de Londres a apelar à ajuda. Em resposta, levámos-lhe os brinquedos e o dinheiro na véspera de Natal, e ele convidou-nos a ficar para a festa das crianças que estava a acontecer.

As sessões da árvore de Natal têm de ser vividas para serem compreendidas. Que alegria ouvir os pequenos do outro lado da vida exclamarem de assombro ao verem a enorme árvore repleta de brinquedos de toda a espécie!

Eis um relato, tal como descrito no *Psychic News* por Hannen Swaffer:
"A sessão mais notável realizada em Londres nas últimas semanas foi provavelmente a festa dada às crianças do espírito pelo Sr. e pela Sra. A. E. Perriman. Começou com uma árvore de Natal. Terminou com um pouco de 'investigação psíquica'.

A Belle convidara quase quarenta pessoas para assistir a uma sessão de voz direta em que havia uma grande árvore, coberta de brinquedos. Tinham sido enviados — mais de trezentos — de todo o país, muitos deles destinados a crianças do espírito

cujos nomes foram indicados. Outros vieram de antigos participantes das sessões da Sra. Perriman, ou de pessoas que tinham sido ajudadas. Uma enorme boneca foi enviada à Belle por alguém do estrangeiro.

É difícil para os não-espiritualistas compreenderem, mas esses brinquedos, enviados depois da festa a crianças pobres a viver em bairros de lata de Londres, têm contrapartes astrais que são levadas de volta ao Outro Mundo pelas crianças 'mortas' a quem primeiro são dados.

'Sabem todos esses brinquedos bonitos que vocês têm', disse Elsie Carter, uma das crianças do espírito cujas vozes ouvimos. 'Levamos connosco a impressão deles, e depois cada um tem um igual ao escolhido aqui. Assim, estão a cumprir dois propósitos — um para nós, na vida espiritual, e outro para as crianças pobres que não têm nenhum.'

Não foi muito gramaticalmente formulado, mas explicou o que a criança queria dizer.

'Dão-se conta de que participaram numa grande ocasião?', disse depois o Rev. Waiter Coulthard, que fala frequentemente nos círculos dos Perriman, explicando com as suas próprias palavras. 'Houve aqui crianças do outro lado da vida, em ambiente de alegria. Vieram até vós na sua inocência e amor, trazendo convosco paz e entendimento, levando consigo fotografias nas suas memórias. Terão réplicas destes brinquedos para a sua alegria no Outro Mundo. Como vos disse a pequena mensageira, levam de volta uma forma-pensamento do brinquedo.'"

"Lembrem-se: cada brinquedo foi reclamado por crianças do espírito que estiveram presentes. Cada brinquedo foi reclamado por alguma criança, tanto nesta sala como na outra" — havia tantos brinquedos que não cabiam todos à volta da árvore de Natal. Os restantes foram colocados noutra sala. "Cada brinquedo tem agora um dono espiritual. Estão a dar alegria ao outro lado da vida e estão a dar alegria na Terra."

Durante mais de duas horas, ficámos sentados a ouvir as vozes de mais de cinquenta crianças do espírito, que todas inspecionaram a árvore, escolheram os seus diversos brinquedos — sim, e brincaram com eles. Com efeito, quando a sessão terminou, a grande massa de brinquedos agrupados à volta da árvore estava espalhada num desalinho violento. Por vezes, ouvíamos, por exemplo, uma corneta de brinquedo a ser soprada. "Estou a soprar duas ao mesmo tempo", disse uma das vozes infantis.

Ouvimos os pequeninos a discutir sobre qual das fadas-bonecas podiam ficar. Rapaz após rapaz dizia: "Quero um automóvel."

Uma característica notável da sessão foi a grande diferença nas vozes espirituais. Houve quem falasse com forte sotaque escocês. Ouviram-se vozes de Lancashire, tons *cockney*, de todo o tipo.

Quando ouvi uma voz — a do pequeno David Evans — disse: "Lembro-me de ti. Vieste no ano passado."

Recordando-se de mim, o David manteve uma conversa bastante longa. Disse que era dos vales e, quando eu disse que recentemente tinha estado no Sul do País de Gales, corrigiu a minha pronúncia de Bargoed e de duas ou três outras localidades cujos nomes eu nem sabia soletrar nem pronunciar.

Quando eu disse que o meu nome bárdico era *Llais y Werin*, ele repetiu as palavras galesas, que lhe saltaram da língua. Disse "boa noite" em galês e mencionou bastantes aldeias de que se lembrava.

O Jim Qualquer-Coisa também veio no ano passado. Reconheci-lhe a voz ao fim de doze meses. "Encontrei um livro", disse. "Só as meninas têm bonecas."

Duas crianças tentaram cada uma levar dois brinquedos, mas a Belle travou-as em ambas as ocasiões. De vez em quando dizia a um rapaz para "ficar ali", e, de facto, portou-se como se fosse a mestra de cerimónias.

"Posso ir ao teu círculo quando recomeçares?", disse a Belle para mim, depois de termos ouvido a voz da Joan, uma das comunicadoras infantis frequentes no círculo do meu próprio lar. "A Joan disse-me que me traria, mas eu queria ver o que tu dizias."

A Feda, da Sra. Leonard, apareceu, a Peggy, da Sra. Duncan, e também o Jimmy Sparrow, do círculo doméstico de Lady Caillard. O Tom Gallon, o autor, que ouvi falar pela primeira vez através de Evan Powell no British College of Psychic Science há dez anos, falou com a irmã, Nellie Tom-Gallon. O Dennis Bradley apareceu, mesmo no fim, e disse: "Embora não esteja deste lado há muito tempo, dei-me a conhecer a muitos. Mandem o meu amor à minha mulher e ao Pat e ao Anthony. Deus vos guarde a todos e nunca desistam. Lembrem-se: Deus é amor. É por isso que aqui estou… As minhas saudações ao Pen Club."

O Sir Arthur Conan Doyle também falou e deu-me uma mensagem especial. "Muitos dos meus velhos amigos vieram recentemente para o mundo do espírito, muitos em júbilo", disse. "Alguns precisam de se expandir nalguns aspetos. Quando tentei falar-lhes da sobrevivência, há anos, não quiseram ouvir. O meu amor para a minha mulher, Jean, para as minhas filhas e para os meus rapazes. Digam ao Denis para continuar e manter a bandeira no alto."

Várias crianças foram reconhecidas pelos assistentes. Várias foram tratadas pelos seus diminutivos. Ouvimos as vozes de: Johnnie Harrison, Willie Atkinson, Lucy

Baker, Ruby Wadsworth, Walter Thorpe, Ronnie Ecclesworth, Bertha Thompson, Josephine Becker, Sammy Anderson, Jimmy Schofield, Charlie Summerfield, Eric Patterson, Arthur Marsden, Ronald Jackson, Bertha Coates, Peter Holdsworth, Phyllis Parker, Willie Jones, Johnnie Maclean, Bobby Wagstaff, Alex Sayers, Victor Harrold e muitos mais.

A principal lição a tirar é a lição para os pais enlutados: os vossos filhos "mortos" não estão mortos. São tão humanos e bem-dispostos como eram na Terra.

"A boneca grande é da Belle", disse a Queenie, uma criança do espírito que não disse o apelido, "por isso eu vou ficar com um destes coelhos grandes de peluche."

"*Big Bunny*", acrescentou, falando com o brinquedo. "Vou chamar-te Teddy."

Depois voltou a falar connosco. "É um brinquedo tão fofinho", disse. "Vou ter um igualzinho a ele em casa, no meu jardim."

"Tu vais para outra menina", prosseguiu — desta vez para o brinquedo — "mas não te esqueças da Queenie."

Depois falou de novo para nós. "Não é bonito?", disse. "Tem a cara branca e o casaco muito escuro. Não acham que é bonito também? Estou a levá-lo por cima das vossas cabeças agora."

Ouvimos algo cair. Depois a Queenie disse: "Deixei-o cair. Alguém pode apanhá-lo? Já não o conseguia levar mais. Dê-o àquela senhora." Indicou uma mulher à minha frente. "É uma beleza."

Pois bem, quando tudo acabou e as luzes voltaram a acender-se, o Dr. Nandor Fodor experimentou a sua "caixa de voz" — uma caixa que é, cientificamente, à prova de fraude. Já não havia muita força — mas ele e eu ouvimos, ambos, uma voz espiritual falar baixinho lá de dentro. Para um "investigador psíquico", pareceu ficar bastante satisfeito.

CAPÍTULO NOVE

O REGRESSO DOS MORTOS DA GUERRA

A realização de uma sessão de serviço de recordação foi sugerida por dois amigos muito especiais meus, os sargentos Walwyn e Cross, que foram mortos quando eu fui ferido, no momento em que o nosso batalhão lançou o ataque a Mametz Wood, em julho de 1916. "Um pequeno sinal de apreço pelos que tombaram na guerra", foi como o disseram.

"Se não for incómodo para ti", disse o sargento Walwyn, "gostaríamos de um pequeno Campo do Remembrance, coberto de papoilas." Prometi-lhe que

cumpriria o seu desejo. Em cada serviço de recordação, mandava preparar um pequeno Campo do Remembrance com tapetes de relva cortados do jardim — que eram repostos depois do serviço. A uma das extremidades colocava-se uma grande cruz e fixavam-se papoilas na relva. Criava-se um cenário muito impressionante para a ocasião.

Típico destes serviços é o que se realizou em 1932. Abriu com uma oração. Seguiu-se o hino *O God, our help in ages past*, tocado no gramofone, juntando-se os trinta assistentes ao canto. Durante os dois minutos de silêncio, viram-se pequenas luzes aos pés da cruz e entre as papoilas. O *Last Post* e o *Reveille* soaram através de discos de gramofone.

Quando pus a tocar um disco de velhas canções da guerra, um visitante espiritual bateu o pé na porta, marcando o compasso da música, e cantou *Tipperary* e *The Long, Long Trail*. O disco seguinte foi *Onward, Christian Soldiers*. Durante a sua audição, viu-se uma trombeta, com argolas de tinta luminosa, por cima das nossas cabeças a marcar o tempo da música. Viram-se também muitas luzes espirituais em diferentes partes da sala.

Enquanto tocavam outros discos, alguém bateu a tampa do gramofone e uma voz perguntou: "Posso entrar?"

"Pelo som, já entrou", respondi. "Quase derrubou o gramofone. Quem é?"
"Sou o Bill Jackson, se alguém quer saber", respondeu a entidade. Nesse momento, viu-se por cima de nós uma mão materializada a marcar o compasso da música. A mão percorreu os assistentes e vários foram tocados. À medida que a mão se desvanecia, ouviu-se uma voz: "Olá, eu sou o capitão Potter." Perguntado se conhecia algum de nós, respondeu: "Não, ninguém aqui me conhece, mas pensei em aparecer. Estive nos 10th Warwicks."

Seguiu-se o Jock Stenhouse, acompanhado do amigo Evan Macdonald, que foi reconhecido por uma senhora presente. Dirigindo-se a ela, disse: "Quando escreveres, podes dizer à M— que eu vim." Ela prometeu que diria.

O Jock numerou um lote de homens. Ouvíamo-los contar, um, dois, três, quatro, e assim sucessivamente, rapidamente, como se estivessem em formatura. "Formar a quatro", chamou o Jock. "Direita volver. Pela direita, marcha-mar!" Ouviu-se um ruidoso bater de pés, como um regimento a marchar. De tempos a tempos, o Jock gritava: "Esquerda-direita, esquerda-direita."

Outra voz disse: "Olá, Damps", dirigindo-se a um dos assistentes. "Sabes quem é, não sabes?" "Não tenho a certeza", respondeu o assistente. "Como? Não reconheces o teu próprio irmão!" Seguiu-se uma conversa natural entre os dois irmãos, na qual o assistente perguntou se o "Velho" estava "neste número" esta noite. "Menos 'velho'", disse o visitante seguinte. Seguiu-se um diálogo confidencial

entre o Damps, que fora oficial, e o comunicador, que fora seu superior hierárquico. No fim, disse: "Vou dar lugar a alguém a quem honrei e respeitei de todas as formas."

Seguiu-se uma comunicação impressionante de alguém que se apresentou com: "Haig está aqui." Falando "não como orador, mas como soldado", descreveu a sua receção quando chegou ao mundo para além da morte. No final da sua exortação a trabalhar pela paz, saudou os exércitos visíveis e invisíveis. Viu-se uma mão materializada a mover-se por entre as papoilas do pequeno Campo do Remembrance.

Outra voz foi ouvida. "Não sei se algum de vós se lembrará de mim", disse o orador, "mas estive ao lado dos rapazes muitas vezes e espero tê-los ajudado nas dificuldades, nos problemas e nas preocupações. *Remembrance Day!* Sim, também é *Remembrance Day* aqui, pois é o dia em que lembramos os muitos que deixámos para trás. Quero que se lembrem dos rapazes que aqui estão, representando tantas nações como representavam.

"Os rapazes que costumavam assobiar atrás dos seus cavalos bem alimentados; os que faziam ressoar as oficinas com os martelos; os que alimentavam fornalhas de fogo; os que levavam navios pelos mares e os traziam de volta em segurança; os que dirigiam pequenas frotas de pesca; os que deixaram a Índia, a Austrália dos céus sem nuvens, as florestas e o calor de África, e de todo o Império; os *moors* e *highlands* agrestes da Escócia, o País de Gales, a Irlanda e a Inglaterra. Todos tomaram posição quando a Inglaterra precisou dos seus filhos para combater. Em cada coração estava o pensamento dos que tinham deixado para trás.

"Trabalhem pela verdade da sobrevivência, da esperança e da alegria. Divulguem esta verdade maravilhosa, pois é o caminho para a paz. E agora, que o Grande Espírito ajude os que ainda têm cicatrizes de batalha como legado, e todos os rapazes que combateram e não voltaram a casa. A bênção de Deus permaneça entre vós agora e para sempre — é a oração de Woodbine Willie."

Seguiu-se uma comunicação de W. T. Stead, o intrépido jornalista que, em vida, abraçara a causa do Espiritualismo. Deu as boas-vindas aos "velhos amigos do movimento, que começou muito pequeno mas está a crescer e a crescer, e a vir como uma vaga de certeza, força e conhecimento para todos. Continuem a lutar, meus amigos. Não tenham medo de manter a bandeira erguida."

Stead comentou o trabalho que estava a ser feito em prol do Espiritualismo e, depois de apresentar algumas sugestões, despediu-se com um "Boa noite."

Em seguida, ouviu-se uma voz fraca dizer: "Olá." Seguiu-se um assobio. Depois: "Eu sou o Ernie Jackson. Não! Não conheço ninguém aqui", respondeu a uma pergunta

de um dos presentes. "Apareci por acaso. Estive nos 5th Lancs. Não. Eu não estou morto. Estou vivo. Estou contente por estar aqui."

"Olá. Eu sou o Alf. Olá, Mollie." Era o irmão da Sra. Perriman a falar. "Porque é que estás aos pulos?", perguntou-lhe. "Porque me tocaste", respondeu ela. "Pois agora vou dar-te um beijo." E assim fez.

Outro jovem, dizendo chamar-se George, chamou pela mãe, que era uma das presentes. A conversa entre ambos foi de natureza confidencial e não pode ser registada aqui.

"Sou o Lascelles", disse o orador espiritual seguinte, "Reginald Lascelles, ao seu dispor. Vivi em Godalming. Que caras tão sisudas vocês têm. Digo-vos: se se vissem, não teriam um ar tão sério."

"Sou o Henry Allen", disse o comunicador seguinte. "Não, não conheço ninguém aqui. Vivi na Crescent, em Buxton, e estive nos 5th Rifles. Disseram-me que podia falar às pessoas na Terra, mas não achei possível até agora. Muito obrigado por me deixarem falar convosco. Boa noite."

A força estava a baixar nesta fase, e pediram-me que pusesse um disco no gramofone para elevar as vibrações. Várias entidades fizeram um esforço para se fazerem entender, mas não conseguimos perceber o que tentavam dizer. Tocou-se mais música e, por fim, ouvimos uma voz dizer: "Sou o Jimmy Taylor. Não tenho regimento. Agora pertenço ao Grande Exército Branco. Estive nos London Scottish." Perguntaram-lhe o que fazia do outro lado da vida. "Faço aquilo que nunca tive oportunidade de fazer na Terra: pinto quadros."

Seguiu-se uma série de rapazes em rápida sucessão. "Arthur Young, de Arnley, perto de Leeds", chamou o primeiro. Arthur James, Jack Summers, Bobby Ellison, Robert Woodhouse, Harold Thorpe, Herbert Hanson, Maximilian Sagar, Edward Urquhart, Sammy Allen, de Manchester, John Arthur Baldwin, Scotty, e muitos outros.

"Também estou muito contente por ter a oportunidade de dizer duas palavrinhas", disse uma voz suave e doce. "Todas as papoilas da Flandres têm memórias para mim também. Fico tão feliz por pensar que o povo britânico e o povo do Império, por quem me alegrei em morrer, se lembram das papoilas. Ninguém melhor do que eu conhece os perigos e dificuldades por que os rapazes tiveram de passar. Os seus sofrimentos e a tristeza que tão bem conheci.

"Sei que alguns dos meus amigos não esqueceram o dia em que renasci e só posso dizer: Deus os abençoe a todos. E agradecer-vos também pelas memórias que dão ao meu nome. É melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado, mas há muitas mulheres britânicas que teriam feito o mesmo que eu. Deus abençoe, ajude e

conforte as mulheres britânicas. Deus as abençoe a todas. Eu sou a enfermeira Cavell."

A seguinte a manifestar-se foi o irmão da minha mulher, Douglas. Dirigindo-se aos presentes, disse: "Sou o irmão da médium. Afundei-me no *Black Prince*. Tinha apenas dezoito anos."

"Olá, Bert", começou o orador espiritual seguinte. "Quem és?", perguntou um dos presentes. "Sou o Stan Cross", respondeu. "Como estás, Stan?", perguntei eu. "Muito bem; e tu?", respondeu. Eu e o Stan Cross falámos dos nossos tempos no exército.

Dois dos irmãos da minha mulher falaram. Depois veio um comunicador que declarou: "A única via para o milénio do homem é compreender que, quando termina a sua escolaridade na Terra, se está a preparar para a escola deste lado da vida, onde a ambição se realiza e a compreensão é muito maior.

"Lembrem-se de que, por vezes, podem pensar que não fizeram tanto quanto gostariam, ou que não estão tão avançados quanto desejariam, mas os vossos nomes estão registados com as boas ações em letras grandes e as ações insensatas em letras pequenas. Quero que compreendam que não há inferno nem condenação, nem nada desse género aqui. É bastante simples ascender e, à medida que ascendem, é como se estivessem outra vez no campo. Tudo depende de vocês quanto a aproveitarem ou não as oportunidades. Sou o Thomson, ou, como era conhecido na Terra, lorde Thomson. Aqui não temos títulos."

Seguiu-se uma voz que anunciou: "Saudações a todos. Eu sou o Sefton Brancker. Vim com o meu amigo, o Thomson. Não tenham medo de erguer-se e guiar o vosso navio para o porto certo."

"Suponho que é melhor eu vir dizer umas palavras antes de encerrar esta reunião", começou o comunicador seguinte. "Estou muito, muito contente por estar aqui, pois vejo presentes uma ou duas pessoas que estiveram muito ligadas a mim no passado. No *Remembrance Day*, tento estar em tantos lugares quanto consigo." Anunciando que era Arthur Conan Doyle, transmitiu uma mensagem privada a um dos presentes e terminou encorajando todos os que trabalhavam pela verdade a que dedicou tantos anos da sua vida.

A sessão durou três horas e comunicaram mais de sessenta oradores espirituais.

O sucesso desta experiência levou-nos a realizar um serviço público de recordação no Wigmore Hall, em Londres, com mais de seiscentas pessoas presentes. A organização coube à *The Link*, entidade dedicada ao desenvolvimento de círculos caseiros.

A dificuldade inicial foi que os regulamentos do London County Council não permitem apagar as luzes de saída. Tal como originalmente disposto, a médium, no centro de um círculo interior de assistentes, estava sentada de frente para o público. Verificou-se, porém, que os resguardos colocados à volta não cortavam o reflexo de luz sobre a Sra. Perriman. Ela mudou de posição e sentou-se de costas para o público, no ângulo dos resguardos e, com a ajuda de cortinas sobre os resguardos e uma capa, obteve-se a escuridão necessária. Um microfone e altifalantes foram usados para difundir as vozes espirituais.

A primeira voz, clara e aveludada, era do Rev. Walter Coulthard, cujo filho estava no palco. Depois veio o tenente Charles Molesworth, do *Duke of Cornwall's Light Infantry*, enviando saudações aos seus.

"Estou contente por estar aqui; sou o Samuel Stevens", anunciou o orador seguinte, que foi reconhecido por membros da assistência. Disse que estivera ligado à *Ilford Spiritualist Church* e que estava satisfeito com a forma como prosseguiam o trabalho.

Seguiu-se Robert Downie Findlay, chamando pelo filho.

Sir Arthur Conan Doyle saudou "o meu sucessor", Hannen Swaffer, e agradeceu-lhe o labor.

"Sou o Arthur Thompson e quero que apontem este endereço: *Coop Stores, Albert Road, Blackpool*", ouvimos uma voz dizer. "Digam-lhes que o Arthur Thompson se manifestou e está muito vivo. Encontrei o velho patrão, o Moore, e digam ao Fred que não faz mal o braço dele, porque terá dois quando vier para cá." A exatidão desta mensagem foi confirmada pela assistência.

A identidade do comunicador seguinte, Henry Atkinson, dos *2nd Manchesters*, também era conhecida por um membro do público.

Depois, David Davies enviou o seu amor à esposa, Madame Novello Davies, acrescentando, com toda a correção, que havia alguém presente capaz de transmitir a mensagem. Houve um Samuel Culley, que foi imediatamente reconhecido, tal como o Ted Wheeler, que pediu pela Tilley, o Eddie Hennequin, que saudou a mãe, e William Brown, que falou com o filho. Estes foram típicos de uma vintena de comunicadores que deram os seus nomes e foram prontamente identificados.

Raymond Lodge, filho de Sir Oliver Lodge, enviou saudações ao pai. John Sargent voltou para confirmar que estava a inspirar uma senhora a pintar. Depois, o equipamento de amplificação falhou e ficou inoperacional para o resto da sessão. Contudo, as vozes que se seguiram ouviram-se com muito mais clareza do que antes.

Houve um toque de corneta imitado por Frank Robinson, que referiu ter estado noutra reunião nessa noite e ter dito ao médium de lá que tentaria falar nesta. Voltaria para lhes dizer que conseguira. Isto foi posteriormente verificado e confirmado.

O orador seguinte disse que tentara evitar a guerra, mas falhara. Deu o nome de Edward Grey e falou com alguém que o conhecia. Mais tarde, disse tratar-se de Grey de Fallodon.

Depois veio: "Sou o Rev. Hopps, de Manchester, e envio as minhas saudações aos espiritualistas de Manchester." Em resposta a pedidos sobre o nome, soletrou-o muito distintamente: H-O-P-P-S.

Os trabalhos foram concluídos pela Belle que, depois de nos saudar, cantou o seu hino vespertino, *Now the day is over*. A sessão durou duas horas e contou com cinquenta e três comunicadores espirituais.

CAPÍTULO DEZ

PROVAS ESPIRITUAIS EM PÚBLICO

Estes esforços pioneiros de difusão das vozes espirituais, que faziam história psíquica, naturalmente suscitaram grande interesse. Eis um relato publicado no *Psychic News*:

"Vinte e três dos 'mortos' falaram para um microfone numa grande sessão com quase quatrocentos assistentes, e as suas vozes foram amplificadas por altifalantes para que todos pudessem ouvir. Um deles chegou a cantar uma estrofe de uma canção.

"Onze dos que receberam mensagens assinaram uma declaração segundo a qual tinham recebido, de parentes e amigos já falecidos, mensagens inconfundíveis na sessão experimental de voz direta realizada na terceira conferência anual da *The Link*, na Thames House, em Londres, no dia 15 de outubro de 1933, através da mediunidade da Sra. A. E. Perriman, que não os conhecia pessoalmente."

"'A única pessoa que poderia ter falado ao microfone além dos espíritos era a médium, e a própria natureza das vozes, muitas delas masculinas, tornava impossível uma mulher tê-las imitado. Além disso, muitos espíritos deram provas que a médium não poderia, de modo algum, conhecer.

'Depois de a Belle ter falado, manifestou-se o Hewat McKenzie, fundador do British College of Psychic Science. Ouviu-se-o com bastante clareza por todo o salão, embora a instalação do microfone, inevitavelmente, distorcesse um pouco a voz. "O nosso mundo está ligado ao vosso mundo", disse ele. "Sempre quis ser capaz de

falar deste modo e falei com a minha esposa no British College não há muito tempo."

'De seguida, manifestou-se outra voz totalmente diferente. "Sou o Charles Graham, da Ashton Road, Stoke-on-Trent", disse. "Afoguei-me em Frinton."

'Depois apareceu o Billy Hope, o fotógrafo psíquico que partiu em março. "Olá, eu sou o Billy Hope, de Crewe. Disse que havia de vir, e aqui estou", declarou.

'Em seguida dirigiu-se ao John Myers, que estava sentado num dos círculos e que tirara fotografias psíquicas na conferência, mais cedo nesse dia. "Olha, rapaz, estás bem. Estás tão direito como sempre. Não aceites testes. Nós ajudaremos."

'A voz seguinte destinava-se a uma mulher no salão. "Henry Walker a chamar. Alice, estás aí?"

"'Sim, estou aqui", disse a mulher.

"'A menina está bem. Eu estou a tomar conta dela", continuou a voz do outro mundo. "Eu prometi que vinha." "Sim, prometeu", comentou a participante.

'Depois falou Sir Arthur Conan Doyle. "Quero que saibam que o Doyle está hoje tão interessado em tudo o que se relaciona com a sobrevivência da vida como estava quando no corpo", disse. "Ainda hão de ter o Albert Hall para as vossas conferências. Espero que seja em breve. Continuem como começaram. Não tenham medo. Deus abençoe os círculos domésticos."

'Seguiram-se mais vozes, uma dando o nome de William Turner, outra perguntando por Arthur Simmons, e então falou uma entidade típica do Norte. Disse que vinha de Mexborough, perto de Doncaster, e indicou o nome do local onde trabalhava. Conversou algum tempo com um delegado de Doncaster.

'A voz seguinte, de um espírito que se apresentou como George Ellis, disse que contactara o irmão através da The Link.

'Continuaram a surgir vozes pelos altifalantes e, então, uma voz masculina gritou "Boa noite a todos" com tal força que todos se sobressaltaram. Era o Sceptre, guia do Sr. Zerdin (fundador da The Link), que se queixou de todos lhe dizerem para não fazer tanto barulho. "Lembrem-se: a The Link foi iniciada aqui deste lado", afirmou.

'As vozes continuaram. Um pai falou ao filho, Richard Atkinson. "Disse-te que havia de vir", afirmou. Surgiu depois um tio espírito. Falou com três pessoas da assistência, a quem nomeou. Outra voz gritou "Thomas". Responderam-lhe de imediato. Falou ao filho sobre o círculo doméstico. Depois disse que a esposa falaria.

‘Uma voz suave, de mulher, cantou ao microfone *Silver Threads Among the Gold*. Cantou a quadra inteira. “Tu disseste-lhe para não cantar isso”, disse o marido quando voltou. A mulher falou de novo depois de ele sair.

‘Após mais duas intervenções, falou a Flora Macdonald. “Isto correu bem”, disse. “Eu disse a alguns de vocês que assim seria. Há muitos médiuns de voz direta neste salão e é para se porem ao trabalho. Podiam fazer imenso para endireitar o mundo — e ele está muito de pernas para o ar neste momento.”

‘A Belle voltou e encerrou a sessão. As luzes acenderam-se. O salão deixou de ser santuário e voltou a ser restaurante.’”

CAPÍTULO ONZE

PROVAS IRREFUTÁVEIS PARA DESCONHECIDOS

Alguns meses depois, a The Link organizou a maior sessão pública de voz direta no Aeolian Hall, Bond Street, Londres. Durante semanas, todos os envolvidos na organização desta reunião viveram em tensão. O auge deu-se quando, dois dias antes do evento, informei a comissão do mau estado da minha esposa e de que o médico aconselhara que ela não fosse.

Em resultado de uma constipação, desenvolveu-se uma laringite aguda. Por isso, o médico não queria que ela corresse riscos. Todos os lugares estavam vendidos. Não havia forma de avisar os portadores dos bilhetes do cancelamento, porque os ingressos tinham sido distribuídos por todo o país. Previámos a confusão e a desilusão de mais de seiscentas pessoas — especialmente as que tinham viajado longas distâncias — ao chegarem ao salão e saberem que a reunião fora cancelada. Para não desiludir, a minha mulher disse que arriscaria e deixaria o assunto nas mãos do mundo espiritual.

Apesar do tratamento, no sábado o estado dela estava no pior ponto possível, e sugeri que seria absurdo sair de casa. Ela insistiu em ir, e a comissão ficou consternada ao ver o seu estado deplorável. Só o organizador, o Sr. Noah Zerdin, se mostrou indiferente. “O Outro Lado nunca nos falhou”, disse, “e não nos vai falhar agora, disso estou certo.” Como eram verdadeiras as suas palavras e quão infundados foram os nossos receios.

Quando chegou a hora, todos os lugares estavam ocupados. Formaram-se um círculo interior e um exterior no palco, com quarenta e duas pessoas escolhidas pela sua força psíquica ou pelo seu valor como bons participantes. Havia três microfones no centro do círculo interior: um para amplificar as vozes na sala e dois para registar em discos de gramofone.

Quando tudo ficou pronto, o Sr. Zerdin acompanhou a minha esposa ao palco. Ao som de *O God, Our Help in Ages Past*, a audiência uniu-se ao grupo do palco para criar as condições propícias ao êxito. Após uma invocação, as luzes foram apagadas — ou as que as autoridades permitiram apagar — não sem alguma confusão, e a assembleia cantou *Abide With Me*.

Ocorreu um atraso infeliz. As luzes de saída do salão incidiam no rosto da médium. Foi necessário protegê-la com um resguardo. Esperámos — creio que não mais de cinco minutos — quando se ouviu a primeira voz. Era a Belle, com o seu falar infantil. Logo depois, soou uma voz estentórea. Era a do Rev. Dr. Coulthard, pai do Dr. H. Coulthard, sentado no círculo exterior.

"Estou aqui para vos fazer entender que não há morte, mas vida eterna", disse. "Têm de perceber que nunca se pode ver claramente através de uma janela suja. É preciso pegar no pano e limpá-la. A janela de que falo é a janela da vossa alma. Então verão um belo jardim em todo o seu esplendor. Esta compreensão será a maior conquista da vossa jornada terrena.

"Hoje o homem já não pode dizer que ninguém jamais voltou para lhe falar da vida que há de vir. Não há dúvida de que o homem tem de reconhecer, cada vez mais, a bondade transbordante do Pai Amoroso. Que cada um de vós, quando fizer a mudança no entroncamento onde não há bilhetes de retorno materiais, encontre felicidade na viagem, e esperemos que não tenha dificuldade em abrir a porta de maior entendimento!"

Entre as muitas mensagens, houve uma de George Hirst, que enviou saudações a George Lansbury.

"Não pensou que alguma vez me ouviria assim, pois não, enfermeira Groves?", disse a voz seguinte, iniciando uma comunicação a que já me referi num capítulo anterior. "Vejo-a aí em cima, na galeria. É o Charles Wright. Ouve-me, enfermeira Groves?" Da assistência veio a resposta: "Ouço."

"Então, como está, minha pequena profissional? Quero ajudá-la deste lado. Lembra-se de onde eu morava? Morava na Lynton Villa, Virginia Road, Leeds." A enfermeira respondeu: "Certo, lembro-me."

"Era a minha pequena profissional no *Women and Children's Hospital*, em Leeds." Foram mencionados vários nomes de médicos, todos reconhecidos pela senhora na assistência. "Hoje os médicos usam batas brancas, mas eu usava o meu casaco de alpaca preto. Ora bem, enfermeira Groves, já não precisa de apanhar os meus óculos de cima dos doentes como fazia quando eu operava."

A destinatária informou-nos de que assistira às operações realizadas por Charles Wright quando era enfermeira no *Women and Children's Hospital*, em Leeds, há

quase cinquenta anos. Tinha agora setenta e tal anos e casara, mas o seu apelido de solteira era Groves. Era a primeira sessão a que assistia e ninguém presente a conhecia.

Seguiu-se o que viria a ser um dos acontecimentos mais probatórios desta memorável sessão. Começou com uma voz a dizer: "Sou o William Jones e quero falar com a minha mãe. Estás aí, mãe, ouves-me?" "Ouço-te, meu rapaz", respondeu uma mulher da assistência.

Depois de uma conversa íntima entre mãe e filho, ele adiantou: "Há aqui outro William Jones, mas não é nosso parente. Ele não consegue comunicar por si, mas quer mandar uma mensagem. Os controladores deram-me permissão para transmitir a mensagem."

Note-se que, na voz direta, cada comunicador deve falar por si. É isso que significa voz direta. Só em circunstâncias excecionais se quebra a regra. Em mais de dez mil comunicações, conheço apenas dois casos em que tal aconteceu, e este William Jones que cito foi o primeiro.

"O outro William Jones quer saber se alguém pode levar uma mensagem às irmãs, Jane e Gwen. Quer que saibam que ele está bem e que não se preocupem com ele. Digam-lhes que encontrou a mãe e o pai, e que todos eles iam tomar conta delas." Perguntaram-lhe se podia dar a morada das irmãs para lhes enviar a mensagem, e ele respondeu: "Esperem um momento, vou perguntar-lhe." Após uma breve pausa, falou de novo: "Diz-me que as irmãs moram na *Gower House, Woodland Road, Barry*. Tomaram nota?" Repetiu depois a morada. "Não se esqueçam de lhes dizer para não se preocuparem. Estou muito contente por ter podido ajudar deste modo, sobretudo sendo esta a primeira vez que falo assim. Deus te abençoe, mãe."

A voz mudou e Philip Champion de Crespigny deixou uma mensagem para a esposa, a Sra. Rose Champion de Crespigny, a conhecida romancista, que estava na assistência.

Entre as muitas comunicações probatórias contou-se uma do grande treinador do Arsenal, que disse: "Quero muito enviar as minhas saudações e o meu amor à minha esposa. Digam aos do Clube, que tanto têm feito por ela, o quanto agradeço o que fizeram. O meu nome é Herbert Chapman."

A mensagem do Sr. Chapman foi enviada ao Arsenal Football Club. O gerente interino, ao acusar a recepção, escreveu:

"Muito obrigado pela mensagem do nosso saudoso colega. Acredite-se ou não no Espiritualismo, é mesmo o tipo de mensagem que o nosso velho amigo teria enviado."

Houve também uma mensagem na voz, inconfundível, de um ator, que disse: "Já falei muitas vezes antes. Falei para um jovem ali na assistência e disse-lhe que o ajudaria no trabalho. Isso está certo, não está, Jimmy? Sabes quem está a falar."
"Sim, sei quem está a falar", veio a resposta da assistência.

"Para benefício dos nossos amigos, vou identificar-me. Sou o Dennis Neilson-Terry."

Um dos desenvolvimentos mais interessantes e probatórios deu-se quando se tentou verificar a mensagem enviada por William Jones. Após a sessão, a Sra. Culley, que estava presente, escreveu às senhoras Jones, de Barry Dock, informando-as do sucedido. Recebeu a seguinte resposta:

"103, Woodland Road,
Barry Dock.
7 de Maio de 1934.

"Cara Sra. Culley,

"A minha irmã e eu ficámos um tanto surpreendidas por receber a sua carta no sábado de manhã, com a notícia que amavelmente nos enviou.

"Estamos-lhe muito gratas por nos ter remetido a mensagem que teve na sua reunião em Londres do nosso querido irmão William, que faleceu em Março passado.

"Devo dizer que é a primeira que recebemos de quaisquer dos nossos entes queridos que partiram para o outro lado, e confiamos sinceramente que todos os nossos queridos da família que partiram estejam todos muito felizes.

"Mais uma vez, muito obrigada por nos ter escrito.

"Sinceramente suas,

"Jane e Gwen Jones."

Em 12 de Maio, o Sr. Zerdin escreveu à Sra. Culley:

"Cara Amiga,

"Foi a senhora quem recebeu a mensagem, na reunião do Aeolian Hall, de um William Jones, e a quem foi pedido que transmitisse uma mensagem de outro William Jones a Jane e Gwen, de Barry?

"Recebi a carta que enviou à Sra. Perriman e ficaria muito agradecido se me pudesse facultar uma cópia dessa carta. Se não a tiver, diga-me exatamente o que escreveu a Jane e Gwen, pois tais coisas 'são necessárias como prova e devem ficar registadas'.

"Conhecia as duas senhoras em questão antes de receber a mensagem e quando foi a última sessão que teve com a Sra. Perriman?

"Não faço estas perguntas em espírito de incredulidade, mas, como organizador e presidente da The Link, cumpre-me recolher toda a prova com o máximo detalhe e clareza.

"Confiando em poder contar com a sua resposta pelo correio de retorno."

A Sra. Culley respondeu:

"Cardiff.
14 de Maio de 1934.

"Caro Sr. Zerdin,

"A mensagem enviada por William Jones não se destinava a mim. Mas, após a reunião, quando mo sugeriram, disse que a entregaria a Jane e Gwen Jones. Lamento não ter feito cópia da carta que lhes enviei, mas recebi a resposta por retorno de correio. Enviei de imediato a resposta à Sra. Perriman. Não fazia ideia das senhoras em causa, nem de tal morada. A última sessão que tive com a Sra. Perriman foi por volta de meados de Março.

"Quando escrevi para Barry, disse que me tinham pedido que lhes entregasse uma mensagem, mas que não sabia da sua existência nem se havia tal morada. Transmiti-lhes a mensagem e disse que poderiam encontrar um relato da reunião no *Psychic News* de 5 de Maio, e ofereci-me para as visitar, se o desejassem. Nada foi dito sobre essa oferta na carta de agradecimento. Em seguida, enviei um exemplar do jornal. É tudo o que posso dizer. Espero ter sido útil."

O Sr. Zerdin escreveu também às senhoras Jones:

"Caras Amigas,

"A vossa carta de 7 de Maio, dirigida à Sra. Culley, foi-me remetida.

"Sou o presidente e organizador da organização acima referida e fui também presidente da reunião no Aeolian Hall, onde foi recebida a mensagem do vosso irmão, William Jones, e, para efeitos de prova, ficaria grato se nos pudessem facultar alguns pormenores.

"(1) O nome da casa onde vivem é Gower House?
"(2) Conhecem ou conheciam a Sra. Culley antes de receberem a mensagem?
"(3) São espiritualistas e membros de alguma organização espiritualista?

"Espero que compreendam que faço estas perguntas não por curiosidade, mas com o objetivo de chegar à verdade, tão importante para todos nós.

"Agradecendo antecipadamente o favor da vossa resposta."

Responderam:

"103, Woodland Road,
Barry Dock, Glam.
10 de Maio de 1934.

"Sr. N. Zerdin,

"Caro Senhor,

"Em resposta à sua carta de 14, que recebemos, relativamente à mensagem que surgiu do nosso irmão, William Jones, na sua reunião no Aeolian Hall:

"(1) Sim. Esta casa chama-se Gower House, mas, como vê por esta carta, usamos sempre, ao escrever, o número 103 e não o nome; o nosso irmão fazia o mesmo ao corresponder-se com toda a gente.

"(2) Também não conhecia a Sra. Culley, nem nunca ouvimos o seu nome antes de nos escrever.

"(3) Não somos espiritualistas.

"Respeitosamente,
"J. e G. Jones."

Página 56

Faz-se também referência ao facto de que um microfone, à última hora, deixou de funcionar e ninguém, além dos engenheiros, sabia qual era. Na escuridão, teria sido impossível à médium saber qual dos dois estava operacional, e, no entanto, não houve uma única voz que deixasse de ser gravada.

É interessante registar que os engenheiros, céticos quanto a todo o processo antes da sessão, no final inclinaram-se a aceitar este incidente como a melhor prova de todas, tanto mais que tinham ajustado cuidadosamente o microfone para receber um certo volume de som — e esse volume, conhecido do mundo espiritual, foi utilizado do princípio ao fim.

A mais ambiciosa das sessões públicas realizou-se no Victoria Hall, em Londres, em 27 de Abril de 1935. Tínhamos discutido, de tempos a tempos, com os do Outro Mundo, a possibilidade de obter as vozes com algum tipo de luz, pois pensávamos que, ao consegui-lo, removeríamos da mente desconfiada qualquer ideia de fraude.

A luz, como sabemos, destrói ou neutraliza certas vibrações. É do conhecimento do público ouvinte que as estações de grande distância, que radiam durante o dia, não são tão bem captadas pelos receptores sem fios como quando cai a noite. Os familiarizados com o lado científico da rádio conhecem a explicação. Também sabemos que as chapas fotográficas têm de ser reveladas no escuro.

O ectoplasma utilizado para construir o aparelho necessário à voz directa, como explicado num capítulo anterior, fica afetado quando exposto à luz, quase impossibilitando a comunicação nessas condições. Daí a razão das sessões em escuridão. No entanto, sempre encontrámos o mundo espiritual disposto e ansioso por cooperar connosco nos nossos esforços de progresso. E assim começámos a experimentar. Foi experimentando que conseguimos obter a voz directa em luz vermelha. Houve ocasiões em que vozes espirituais foram ouvidas em luz branca e, por vezes, à luz do dia.

Chegamos, portanto, à experiência do Victoria Hall. Nesta sessão, tentaram-se duas experiências adicionais. Utilizou-se uma caixa especial, construída pelo Dr. Nandor Fodor, Oficial de Investigação do *International Institute for Psychic Research*, Londres. Esperava-se que fosse possível construir um "laringe" espiritual dentro do armário escuro formado pela caixa, enquanto o resto do salão ficava iluminado. Um tubo ligava a caixa à parte de trás do pescoço da médium. A segunda experiência era a gravação dos registos em disco das vozes. Uma companhia de gramofones colaborou e instalou um equipamento de gravação no palco.

A luz não era intensa, mas suficiente para permitir que todos os assistentes se vissem claramente. Durante a maior parte da sessão, a médium ficou parcialmente protegida da luz por uma cortina segurada à sua frente por dois homens. Mas as vozes ouviram-se mesmo antes disso, quando todos podiam ver a médium ao mesmo tempo em que os comunicadores espirituais falavam.

A experiência com a caixa não teve êxito, embora se tenham ouvido vozes indistintas. O Dr. Fodor, que se sentava ao lado da sua caixa, disse não poder garantir se as vozes vinham de dentro da caixa ou não, mas ouviam-se naquela zona. A caixa do Dr. Fodor foi desligada por as vozes não serem suficientemente fortes para serem retransmitidas pelos altifalantes.

Mas então aconteceu algo notável. A caixa tinha sido desligada e, enquanto as luzes permaneciam acesas, incidindo diretamente sobre a minha esposa, ouviram-se vozes espirituais. Eram ainda mais fortes do que as que falaram quando a caixa estava em uso. A voz da Belle ouviu-se claramente.

Não foi possível apagar todas as luzes do salão. As luzes de saída tinham de ficar acesas, bem como outras luzes coloridas ao longo das paredes. Além disso, entrava luz por baixo das cortinas das janelas. Tudo estava claramente visível. As vozes eram fortes e nítidas e saíam claramente pelos altifalantes. O microfone ligado aos altifalantes avariou, mas as vozes eram suficientemente altas para serem ouvidas pelas pessoas sentadas nos lugares mais distantes do salão.

Todas as vozes foram gravadas em discos de cera sob a direção do Dr. Fodor. No total, fizeram-se seis discos de doze polegadas, de dupla face, e são um testemunho maravilhoso e perdurável do que aconteceu nessa ocasião memorável.

Logo no início da sessão houve uma alocução do Rev. Dr. Walter Coulthard.

"Sou o Rev. Edward White, antigo reitor de Bourton-on-the-Water", anunciou uma voz pouco depois. "Fui trazido aqui pelo Rev. Dr. Coulthard. O meu pai, o Rev. John White, também está aqui. Queiram avisar a minha gente em Bourton-on-the-Water e digam-lhes que vou pregar o mesmo relato, só que com um final diferente. Vim aqui de propósito para dar à Igreja uma oportunidade, pois agora compreendo. Tornem público o assunto. Contactem os que me são próximos. Contactem a minha gente e digam-lhes todos que voltarei a pregar, no meu antigo lugar, mas através de outro."

Os pormenores fornecidos pelo Rev. Edward White foram por nós verificados e tudo quanto nos disse se confirmou. Meses mais tarde, fomos visitados por um grupo de pessoas, todas desconhecidas para nós, a quem demos uma sessão. Antes de entrarmos na sala de sessões, estivemos à conversa. Aconteceu eu mencionar os discos de gramofone que tinham sido feitos com as vozes e referi o Rev. Edward White, outrora reitor de Bourton-on-the-Water.

"O Rev. Edward White?", disse uma senhora. "Eu conhecia-o. Morava em Bourton-on-the-Water e ia sempre ao serviço na igreja do Sr. White."

"Isso é muito interessante", disse eu. "Se quiser, passo o disco onde se ouve a voz dele." Enquanto tocava, ela ficou excitada. "Ora", exclamou, "poderia ser ele próprio! A voz é a mesma, e consigo imaginá-lo no púlpito a proferir o sermão. É maravilhoso. Se eu não soubesse que passou para a vida superior, teria pensado que aquelas palavras foram ditas quando ainda estava no corpo."

Outro comunicador espiritual nessa sessão pública pediu que se informassem os seus familiares de que comunicara. "Sou William Howarth", disse, "e vivi em York, no n.º 24, Westgate." Queria que alguém chamado Symons fosse informado de que comunicara e mencionou o nome de Lily.

Bill Jackson, comunicador habitual, fez todos rirem quando surgiu. "Ganharam", disse, "ai, ganharam, por Deus que ganharam!" "Quem ganhou?", perguntou um participante. "Ora, o Sheffield", disse Jackson. "Ganhou a taça." O dia em que se realizou esta sessão coincidiu com a final da Taça de Inglaterra, em Wembley, quando o Sheffield Wednesday venceu a F.A. Cup. Pelos vistos, o nosso amigo Jackson era, quando vivia na Terra, um entusiasta do futebol — e continua a ser.

No final, o Rev. Dr. Coulthard pronunciou a bênção e a Belle deu um alegre "Boa noite" a todos. E assim se encerrou uma sessão assombrosa. Finalmente, tínhamos

ouvido espíritos a transmitir as suas mensagens de amor e entendimento pela voz direta, com luz.

CAPÍTULO DOZE

VOZES ESPIRITUAIS NA IGREJA

No *Whit Sunday*, 4 de julho de 1933, em passeio de automóvel com um grupo de amigos, chegámos à antiga aldeia de Fingest, Bucks. Decidimos visitar a igreja paroquial, dada como uma das mais antigas de Inglaterra. Éramos oito. Ao percorrermos a velha igreja, pequena e de caráter singular, teceram-se comentários sobre a sua paz e harmonia.

Estávamos de pé, a olhar em silêncio em redor, quando levámos um susto ao ouvir, vindo da direção do altar e de algures acima dele, uma voz masculina a proferir uma bênção. Alguém do grupo observou: "Parece vir da cruz." Imediatamente, a voz respondeu: "À cruz me agarro." Relatando o incidente depois, um membro do grupo disse: "Quando ouvi a voz pela primeira vez, senti medo. Estava de frente para a Sra. Perriman quando a voz falou de novo. Era uma voz belíssima, forte e culta."

Na tarde de *Whit Monday* decidiu-se visitar outra igreja antiga da região. Não houve demonstração. Contudo, uma das nossas, dotada de clarividência, referiu ter visto um velho sacerdote, envergando paramentos creme, que lhe disse: "A bênção da Igreja Triunfante esteja convosco, meus filhos."

Fomos embora e, após alguma discussão, resolvemos visitar de novo a antiga igreja de Fingest. Não havia ninguém no adro quando entrámos e, lembrando-nos do que acontecera no dia anterior, caminhámos com ainda mais reverência e quietude. A singela velha estrutura estava impregnada de um sentido de paz e harmonia. Tão intenso era o silêncio que parecia termos sido transportados para longe da civilização. Deambulámos por um ou dois minutos, a observar e a admirar o mobiliário.

A membro clarividente do grupo e a minha esposa dirigiram-se para os degraus do altar. Havia uma corda estendida para impedir o público de passar além do coro. Os restantes sentámo-nos logo atrás.

Estávamos todos em oração quando, do altar, uma voz, profunda e ressonante, falou em inconfundíveis tons masculinos. Embora não conseguíssemos apanhar todas as palavras proferidas, ouvimos distintamente: "Que Deus vos abençoe e vos guarde a todos até nos voltarmos a encontrar." Houve um breve silêncio e a voz falou de novo, como a concluir um serviço. Depois, outra voz disse,

reverentemente: "Ámen." O recolhimento era tal que sentíamos não querer mover-nos.

A mulher clarividente disse-nos que via um homem com uma bela túnica azul, com uma capa presa aos ombros, e que fora ele a proferir a oração. Havia outro velho, curvo de figura, com uma simples batina escura, que disse, com voz grave, "Ámen." Passado um minuto ou dois, levantámo-nos e encaminhámo-nos, em silêncio, para a porta. Quando estávamos prestes a sair, uma voz falou por cima das nossas cabeças, dizendo: "Deus vos abençoe a todos."

Entrámos nos carros a caminho de casa. Ao discutir os acontecimentos, a nossa clarividente referiu a alegria que aquilo deve ter dado aos comunicadores por poderem voltar a falar na velha igreja, e como devíamos estar gratos pela experiência. Ao terminar as suas observações, a voz de um parente espiritual intrometeu-se, dizendo: "Sim." Esta senhora reconheceu-lhe de imediato a voz e, a partir daí, ele conversou com a mãe e com ela, respondendo a perguntas que lhe eram feitas pela minha mulher. O orador espiritual confirmou o que ela tinha visto clarividentemente e apontou o ano de 1405 como ligado à voz que nos falou.

Sucedeu que essa senhora retirara da igreja um folheto sobre a sua história conhecida. Ao consultá-lo, entre os sacerdotes oficiantes desse período, sendo 1406 a data mais próxima, encontrou dois nomes. Antes que pudesse dizer mais, o parente espiritual interveio: "Skinner é o nome. É o segundo nome ligado a essa data." Confirmámo-lo ao examinar o folheto. Continuando, ela contou-lhe do velho sacerdote que vira na outra igreja, e ele confirmou antes que ela tivesse tempo de abordar o incidente.

É interessante notar que, a caminho da igreja, essa senhora ouvira psiquicamente a seguinte mensagem: "Vais receber uma demonstração que nunca irás esquecer." Não contou a mensagem a ninguém. Como disse: "Ao sair da primeira igreja visitada, pensei: poderá esta mensagem referir-se a algo que aconteça hoje, pois nada de particular se deu, salvo o vislumbre do velho sacerdote. Creio que hão de concordar que a mensagem foi fielmente cumprida, pois decerto não esquecerei a maravilhosa voz que sobre nós soprou a bênção na velha igreja de Fingest."

Quando percorremos a igreja depois, não havia ninguém no recinto; porém, ao sairmos pelo portão, outros avançaram para entrar, tal como nós tínhamos feito.

CAPÍTULO TREZE

TESTEMUNHO DE UM DESCONHECIDO

Certa manhã, o editor do *Psychic News* telefonou-me a perguntar se eu lhe podia fornecer uma fotografia da minha esposa. Quando indaguei do motivo, disse-me que recebera uma carta interessante de um homem contendo o relato de uma sessão a que assistira, com um grupo, em que a minha mulher fora a médium. O editor queria publicar o relato e desejava juntar-lhe uma fotografia da minha esposa.

Pedi-lhe que me indicasse o nome do correspondente. Quando mo disse, não me lembrava de alguém com esse nome nos ter visitado. Contudo, ao ler o relato no *Psychic News*, verifiquei que o autor não tinha direito a estar presente nessa sessão em particular. Tinha sido organizada especialmente para membros da The Link e ele não era membro. Ainda assim, vejamos o que tinha a dizer esse homem, John Curr:

"Foi assim que aconteceu", começou. "Há cerca de seis meses, pouco antes da publicação do primeiro número do *Psychic News*, li o livro de J. Arthur Findlay, *On the Edge of the Etheric*.

"Tenho quarenta e cinco anos e, até agora, não consegui formar uma filosofia, nem encontrar uma religião, que tornasse a vida inteligível. Os argumentos e explicações de Findlay pareceram-me razoáveis e decidi estudar o Espiritualismo. Li muitos livros sobre o assunto, assisti a muitas reuniões públicas e parecia não obter satisfação nem fazer qualquer progresso espiritual.

"Então aconteceu o inesperado. Estava sentado no lounge de um hotel de Londres, a ler *Psychic Philosophy*, de Stanley de Brath, quando um desconhecido me abordou, dizendo que se interessava pelo tema do livro que eu lia. Pela influência desse homem fui introduzido numa sessão de voz direta e, na sexta-feira, 25 de novembro de 1932, tive a minha primeira experiência de fenómenos extraordinários."

"Estavam presentes cerca de catorze pessoas, nenhuma das quais eu conhecia. Devido à controvérsia num jornal de domingo, prestei atenção ao John Myers (o fotógrafo psíquico), que estava presente com a esposa. Na sala de sessão, foi-me atribuído pela médium, Sra. Perriman, um lugar em frente da lareira. Depois de uma breve invocação, o gramofone começou a tocar e, imediatamente, o Sr. Perriman anunciou que ia apagar as duas lâmpadas vermelhas. Ficámos na escuridão total. O gramofone tocava *Lead, Kindly Light*, e todos os participantes se juntaram a cantar a melodia reproduzida pelo gramofone.

"Cerca de dois minutos depois, uma luz espiritual azulada e difusa começou a cintilar rapidamente pela sala, por cima das cabeças dos presentes, e quase de imediato uma voz infantil disse: 'Boa noite a todos.' Respondemos todos com 'Boa

noite', e uma das senhoras presentes perguntou se a luz que víramos era a luz espiritual da criança que falara. A voz infantil respondeu: 'Sim, olhem para mim', e a luz azulada voltou a flutuar muito rapidamente.

"A voz dirigiu-se então a mim com: 'Olá! Sr. Beethoven', e eu respondi: 'Olá! Como soubeste que eu era músico?' Num tom muito trocista, acompanhado de uma risada, a voz replicou: 'Vi-te a entrar.' Vários outros presentes falaram com o espírito, sendo respondidos num tom muito jovial pela voz. A entidade espiritual infantil, Belle, despediu-se então com um 'Boa noite'.

"O tempo todo o gramofone continuou a tocar. De repente, de uma posição, tanto quanto pude julgar, a cerca de um metro à frente da médium e a uns sessenta centímetros do teto, uma voz masculina, grave e digna, disse: 'Boa noite, amigos.' Saudámos esta entidade da mesma forma e ela disse-nos ser John Taylor, pai de George Taylor, um mestre de banda. A voz falou do grande prazer que tivera em observar o progresso que estávamos a fazer na investigação psíquica.

"Após um curto intervalo de silêncio, fomos saudados por uma voz feminina a falar com um acentuado sotaque escocês. Depois de esta entidade ter falado com vários dos outros presentes, perguntei-lhe de que parte da Escócia vinha, acrescentando que não reconhecia o dialeto específico que estava a usar. Ela respondeu: 'Óch, homem! Eu venho de Tarbet, Loch Fyne.' Eu então disse que reconhecia o dialecto das Highlands Ocidentais, mas nunca tinha conhecido ninguém de Argybshire e, consequentemente, não reconhecia o 'sotaque'. Confesso que, neste ponto da sessão, me senti um pouco céptico quanto à autenticidade desta entidade espiritual. Nasci na Escócia e estudei particularmente os vários dialetos do meu país natal.

"Contudo, as minhas dúvidas dissiparam-se depressa quando uma voz masculina, com um subtilíssimo sotaque escocês, se apresentou como Crookes, um fotógrafo escocês. Esta entidade teve uma longa conversa com John Myers. Intervim na conversa com essa voz, dizendo que me agradava muito conhecer um compatriota e perguntei de que parte da Escócia era. A voz respondeu que, se eu conhecia Edimburgo, o conhecia tão bem como conhecia a Princes Street. Disse também que tinha um negócio de fotografia em Glasgow. Verifico que isto é absolutamente correto em todos os detalhes. Esta entidade falava como um mestre da arte fotográfica, e recordo nitidamente que o seu estabelecimento era reconhecido pelos cidadãos de Edimburgo como de altíssimo nível artístico.

"Outra entidade espiritual interessante foi alguém que se chamou Joe. Disse que vivia em Yorkshire quando estava na Terra, e o seu dialeto não deixou qualquer dúvida quanto ao seu condado natal. O Joe foi bombardeado com bastantes perguntas relativas a muitos lugares de Yorkshire que lhe eram familiares, e forneceu todos os detalhes dos locais e distritos mencionados. O Joe era, como ele

próprio descreveu, 'um tipo bastante rijo' na Terra e, embora até aí estivesse em tom bem-humorado, disse que, quando passou para o outro lado, lhe disseram: 'Não te preocupes, rapaz; fizeste a tua parte.'

"Depois de o Joe se despedir com um 'Boa noite', outra entidade espiritual, que, fui informado, era um dos controladores da Sra. Perriman, saudou-nos e disse que, se puséssemos as mãos sobre o plexo solar, tentaria uma experiência. Disse-nos para olharmos para o centro do círculo e, após um período que, tanto quanto pude estimar, terá sido de cerca de um minuto e meio, apareceram no chão duas luzes, como um nevoeiro azulado. As luzes tinham exatamente o tamanho dos pés de um homem médio. Caminharam pelo chão com pancadas distintas, como se um ser humano estivesse a andar. O gramofone tocava uma melodia em compasso de quatro por quatro, e os 'pés' começaram a dançar rigorosamente ao compasso da música. Depois, os 'pés' deixaram o chão e flutuaram no ar; voltaram novamente ao chão, continuaram a dançar e, de novo, flutuaram para cima, desaparecendo de vista antes de chegarem ao teto.

"A última entidade espiritual a manifestar-se foi a Flora, a escocesa que antes dissera ter vivido em Tarbet, Loch Fyne. Foi-nos permitido fazer-lhe perguntas individualmente, e algumas questões muito íntimas e pessoais foram colocadas e respondidas com inteira satisfação de cada interlocutor.

"Uma característica extraordinária da sessão foi o facto de, enquanto duas trombetas de alumínio flutuavam pela sala, nenhuma das vozes ter falado através delas. Se o tivessem feito, o meu ouvido treinado teria detetado uma tendência mais direcional nas vozes.

"Terá sido tudo um sonho? Alguém presente pregou-me partidas? À primeira pergunta respondo, de forma categórica, e como estudante de psicologia, que nunca estive tão consciente na minha vida. À segunda respondo que a hipótese de fraude é a mais absurda e insustentável que me ocorre. Não, estou estupefacto. Não posso oferecer explicação alguma, mas estou profundamente grato pelo privilégio que me foi concedido por me terem permitido viver esta experiência maravilhosa."

CAPÍTULO CATORZE

UM PRESENTE DO OUTRO LADO

Convidámos vários amigos para uma sessão a fim de celebrar o aniversário da minha esposa. A Belle abriu os trabalhos e, depois de desejar à minha mulher muitos parabéns, saudou, um por um, os dezasseis participantes.

Uma das primeiras a comunicar foi o irmão da médium, que a saudou dizendo: "Olá, Mollie! Sabes quem é? É o Alf. Muitos parabéns, rapariga velha."

"Menos 'rapariga velha'", disse a minha mulher.

"Bem, não queres que diga 'rapariga nova', pois não?" Depois de dar uma mensagem à irmã, cedeu lugar ao irmão, que se apresentou: "Sou o Willie. Como estás, querida Moffie?" Quando a médium se queixou de que raramente ouvia os irmãos, e quis saber se a tinham abandonado, ele respondeu: "Ora, minha querida, sabes que aqui estamos, mas há outras pessoas que ainda não ouviram daqueles que passaram para a vida superior. Não te amamos nem pensamos menos em ti e veremos o que podemos fazer por ti."

Em seguida ouvimos: "Sou a Mãe. Estás aí, minha querida? Sabes que quero ajudar-te tanto quanto posso."

"Pareces tão triste, Mãe", disse a médium, "não estás feliz?"

"Não é tristeza. É porque ainda estou atrasada em habituar-me a isto. Estou muitas vezes contigo. Não penses que, por não ouvires, não estou contigo. Quero dizer-te que estás a fazer o que é certo. Se estivesses a fazer mal, eu dir-to-ia. Continua o bom trabalho. Mantém a cabeça erguida. Deus te abençoe." A minha sogra era uma fervorosa católica romana, o que explica por que motivo a médium procurou a sua opinião sobre o trabalho que fazia.

Depois de alguns presentes terem recebido comunicações probatórias, a minha esposa foi novamente interpelada. Ouvimos: "Olá, Mollie! É o teu tio George." "Não te conheço", respondeu a minha mulher. "Nunca tive nenhum tio George." "Oh, sim, tiveste!", disse a voz. Seguiu-se uma discussão. "Permite-me que saiba", declarou a minha esposa. "Nunca tive um tio George, e certamente não te conheço."

"Sim, tiveste, e eu sou o teu tio George", insistiu o comunicador.

Via que a conversa ia continuar por muito tempo, por isso disse ao comunicador que, como a minha mulher negava conhecer qualquer tio George, não adiantava insistir que era o seu tio George. Acrescentei que recebíamos sempre com agrado os amigos do outro mundo, mas não permitiríamos que alguém viesse com falsas cores.

"Sempre me chamou tio George", veio a resposta. "Sou o George Simpson, o padrinho dela, e ela sempre me chamou tio George."

"Santo Deus!", exclamou a médium. "É verdade. Não te vejo desde que era menina e tinha-me esquecido completamente de ti. Chamava-te tio George, mas, depois de tantos anos, esqueci-me. Pensei que te estavas a fazer passar por parente."

"Não faz mal, minha querida", disse ele. "Vim dizer-te que quero ajudar-te no teu trabalho, de todas as formas que puder. E vou fazê-lo. Boa noite, boas pessoas. Agora explico a minha presença. Quero dizer-vos que não importa se são judeus ou gentios, todos têm de vir pelo mesmo caminho para casa. Têm de corrigir os vossos erros. Eu era católico. E agora, boa noite, e não te esqueças: continuo a ser o teu tio George."

Houve um toque de humor quando uma enfermeira foi saudada com: "Kate! Sou a tua mãe. Estou muito bem, querida, e alegra-me saber que tu também estás. Hoje serviste-te de uma banana quando ninguém estava a ver. Não pensaste que eu tinha olho em ti, pois não?" Rimo-nos todos. A enfermeira admitiu que naquele dia se tinha servido de uma banana no lar de enfermeiras.

"Bert, meu rapaz, como vais, 'Hail, smiling morn'?", disse uma voz espiritual. Era a minha mãe a dirigir-se a mim. Deu os parabéns à minha esposa e acrescentou: "Gosto da minha fotografia. Foi delicado da tua parte mandá-la fazer."

A Flora apareceu no final e disse à médium: "Vamos tentar dar-te um pequeno presente. Se conseguirmos, tanto melhor, mas não deves ficar desiludida se falharmos." Pediu música no gramofone para fornecer um pouco mais de força e ajudar a trazer um *apport*. Foi pedido aos presentes que colocassem as mãos sobre o plexo solar. Disseram à médium para estender as mãos."

Tocou-se no gramofone o *Largo* de Handel e sentámo-nos expectantes. Antes de o disco terminar, a minha mulher disse: "Algo caiu-me na mão." A Flora anunciou que a prenda era um símbolo de amor e de sacrifício, em apreço pelo seu serviço e pelos sacrifícios feitos ao ser um instrumento voluntário.

O *apport* era uma cruz de ónix negro, com seis centímetros e meio por cinco, coroada por filigrana dourada — uma peça lindíssima. Não fazíamos ideia de onde viera. Quando perguntámos, disseram-nos que um dia o saberíamos. Um homem a quem se mostrou a cruz disse reconhecer o estilo do trabalho. Havia apenas um lugar no mundo onde se fazia obra daquele género: a América do Sul.

CAPÍTULO QUINZE

HISTÓRIA DE DUAS SESSÕES

A esta altura, tínhamos chegado ao ponto em que os nossos comunicadores forneciam provas independentes da sua identidade falando noutros locais. Isso ficou patente no seguinte relato, no *Psychic News*, por A. W. Austen:

"A prova cruzada entre o círculo doméstico de Hannen Swaffer e a Sra. Perriman está agora completa. O controlo principal de cada um falou no círculo do outro. Por várias vezes ouvi, nas sessões da Sra. Perriman, espíritos com quem conversei frequentemente no círculo de Swaffer. Na segunda-feira, a Belle, do grupo da Sra. Perriman, foi uma das comunicadoras no círculo de Swaffer.

"Quatro membros do círculo de Swaffer, incluindo a médium de trombeta e o marido, foram convidados da Sra. Perriman numa sessão de voz direta na semana passada. Entre os trinta espíritos que ouvimos estavam White Shadow, o guia principal, a Joan, uma sobrinha dos três participantes do círculo de Swaffer, e a Lottie, cunhada 'falecida' de Swaffer.

"Foi a primeira vez que a nossa médium de trombeta conseguiu falar com o seu guia, White Shadow, em voz direta. Costuma ouvi-lo *clairaudientemente*, e o White Shadow tem conseguido dizer umas palavras no seu próprio círculo, com a médium fora de transe. Mas esta foi a primeira longa conversa que teve com ela através de outra médium. Foi também a primeira vez que falou com a Joan ou com a Lottie. Disse-me depois que, na sessão dos Perriman, viu o White Shadow, a Joan e a Lottie clarividentemente, assim como a Belle e vários outros comunicadores.

"Depois, na segunda-feira, não só a Belle falou no nosso círculo, como o White Shadow e a Joan confirmaram ambos que tinham falado através da mediunidade dos Perriman.

"Na sessão dos Perriman, o Dennis Bradley deu provas notavelmente boas. Dirigindo-se a uma Sra. Thompson, disse: 'Creio que viu a minha esposa hoje. Vai cumprir a promessa?'

"'Espero que sim', respondeu a senhora.

"'Sabe ao que me refiro?', perguntou Bradley.

"'Sim', disse a mulher.

"'É estranho encontrarmo-nos desta maneira', continuou o espírito. 'Nunca a conheci.'

"'É verdade', disse a Sra. Thompson. E acrescentou: 'Esteve connosco no outro dia.'

“‘Sim’, disse Bradley. ‘Porque não disse que me viu? Estava inclinado sobre o sofá, na extremidade.’

“‘Sim, vi-o’, disse a mulher. ‘Mas não sabia se a Sra. Bradley acreditaria.’

“‘Disparate’, observou o espírito. ‘Apegue-se à verdade’, instou Bradley ao sair. A Sra. Thompson contou depois da sessão que estivera nesse dia com a esposa de Dennis Bradley.

“A Belle saudou todos os presentes, e a sua luz espiritual esvoaçou alegremente entre eles. O Rev. Dr. Coulthard teve uma conversa confidencial com o filho, um dos participantes. A Flora Macdonald, cujo forte sotaque escocês é bem conhecido, discursou longamente.

“Houve momentos de humor durante a sessão, alguns involuntários, como quando um espírito pediu pelo filho, que não comparecera. ‘Estou desgostoso com ele, e podem dizê-lo’, rosnou a voz.

“Enquanto uma mãe espiritual falava com o filho, este perguntou: ‘Como está o Teddy?’ De imediato a voz mudou e o Teddy disse: ‘Posso falar por mim próprio.’ Isto aconteceu várias vezes durante a sessão, outros familiares a intrometerem-se como fariam numa conversa terrena. Foi feito mais depressa do que seria possível ao telefone.

“Quando falou a voz do comunicador seguinte, a participante — filha do espírito — tentava claramente obter uma prova que o espírito se recusava a dar. ‘Dá o meu amor à tua irmã’, disse a voz. ‘Não sei de qual estás a falar’, disse a participante. “‘Agora, não tentes isso’, respondeu o espírito. ‘Disse-to da última vez que falámos. Porque me pedes para repetir, minha querida? Regressa apenas com a memória.’ Depois a mãe explicou que não queria mencionar nomes naquele momento, pois poderia destruir a prova quando falasse com a outra filha, que era aparentemente cética.

“Durante toda a sessão, as vozes deram provas reconhecidas por quem a elas se destinavam, mas ininteligíveis para o resto dos presentes.”

CAPÍTULO DEZASSEIS

UMA ROSA DO ALÉM

Tivemos uma belíssima materialização quando foi organizada uma sessão para o Sr. Noah Zerdin e a família, antes de uma viagem que ele iria fazer ao estrangeiro.

Depois de a Belle mostrar a sua luz espiritual, anunciou que “alguém está a tentar fazer algo” e pediu-nos que esperássemos. Então ouvimos uma comunicadora — a

esposa do Sr. Zerdin — dizer: "Mamã! Olha! Estou aqui. Mamã, olha!" Começou a formar-se uma figura materializada, envolta em panejamentos de ectoplasma.

Falando excitada, saudou os familiares um por um. "Oh, meu querido, estarei contigo", disse ao Sr. Zerdin. "Papai, estou aqui", ouvimos. Depois: "Minha irmã e meu muito amado", seguido de "Mamã, estou viva! Mamã, estou! Minha querida mamã, meu amor." A sala encheu-se de perfume.

A Belle anunciou que ajudara a visitante espiritual a materializar-se. "Ela quis que todos a vissem e soubessem que estava aqui", acrescentou. Depois, dirigindo-se ao Sr. Zerdin, disse: "Vais voltar. Não vais para sempre. Há algo que entreguei à tua esposa para te dar e levares contigo. Não é um *apport*. É uma prenda."

Disseram ao Sr. Zerdin para estender a mão, na qual foi deixada cair uma rosa. "Eu ajudei-a a encontrá-la", disse a Belle, acrescentando: "Oh, céus, porque é que a deixaste cair?" A Belle apanhou a rosa do chão e entregou-a à esposa do Sr. Zerdin, que lha passou, lançando beijos. "Não deixes ninguém tocar", disse ela. "As mãos que to deram já não são materiais, mas são mãos de amor."

Nesse momento, a figura, mais sólida na materialização, aproximou-se do Sr. Zerdin e pareceu beijá-lo. Ele saudou a esposa pelo nome e abraçaram-se.

"Olhe para a figura", disse-me a Belle. A forma moveu-se pela sala. O rosto viu-se nitidamente. Parecia protegido por uma fina gaze ectoplásmica e estava envolto num xaile de filigrana de luz, salpicado de gotículas de orvalho que pareciam muito frias quando a peça era lançada por cima e a atravessávamos. A figura aproximou-se da mãe e do pai, mostrou o rosto e lançou beijos. Um odor de ozono, misturado com perfume, enchia a sala.

Quando o Sr. Zerdin comentou a sessão maravilhosa que a família estava a ter, a Belle disse: "Pessoas excecionais têm sessões excecionais. Vejam o que o amor e a simpatia conseguem."

Depois, um toque de comédia aligeirou o ambiente. Eu ouvia, interessado, tudo quanto se dizia. Tinha os cotovelos apoiados no gramofone e o queixo nas mãos em concha. De repente, o gramofone foi puxado e dei comigo no chão. A Belle riu-se do meu apuro, mas receio que não achasse graça. As vítimas nunca acham. O gramofone fora levado para o outro lado da sala. Quando me refiz da queda inesperada, os operadores invisíveis trouxeram-mo de volta. O gramofone é um móvel grande e, como havia mais de cinquenta discos de dez e doze polegadas lá dentro, exigiu muita força para o mover.

Mais uma vez, o aroma do perfume encheu a sala. A Belle disse que vinha do ramo que a Sra. Zerdin trouxera quando se materializou.

Por fim, ouviu-se a voz espiritual da Sra. Zerdin a pedir ao marido que tirasse a rosa vermelha da lapela e a colocasse na sua mão materializada. Quando ele o fez, ela levou-a aos lábios e levou-a consigo. Depois da sessão, procurámos pela sala para ver se a rosa que o Sr. Zerdin dera à esposa ainda lá estava, mas tinha desaparecido.

Uma noite, algum tempo depois, preparávamo-nos para o que pensávamos ser uma sessão normal, mas desde o início percebemos que algo invulgar estava prestes a acontecer. A atmosfera estava elétrica, muito diferente das condições habituais. Os onze presentes comentaram-no. Sentíamo-nos todos eufóricos, como se um grande peso tivesse sido retirado dos ombros.

Uma forte voz masculina, desconhecida, dirigiu-se a nós, em tom impressionante, dizendo tratar-se de uma ocasião memorável. O orador anunciou que nos seriam apresentados *apports*, que deveríamos valorizar mais do que o ouro. Seriam prendas para três dos mais antigos trabalhadores da nossa causa associados à médium.

Antes de mais, a Belle fez questão de meter a mão no andamento, ao seu jeito brincalhão. Soprou um pequeno apito que tinha tirado a um participante numa reunião anterior e depois entregou-lho. Depois disse-me: "Deixa-me passar." Senti-a roçar por mim.

Poucos segundos depois, disse a outro homem: "Tira-o." E riu-se. "Tirar o quê?", perguntou ele. "Há qualquer coisa dentro da trombeta, tira-a", disse a Belle. Empurrou-lhe a trombeta.

Ele meteu a mão e tirou a bolsa do tabaco. "Onde arranjaste isto?", perguntou. "Do bolso do teu casaco lá fora", disse a Belle.

"Como soubeste que era o meu casaco?", foi a pergunta seguinte. "Não te preocupes", respondeu a Belle, "eu sabia." Depois disse que íamos ter uma noite maravilhosa e, aproximando-se de outro participante, deu-lhe o cachimbo. Esse objeto fora tirado do bolso do sobretudo dele, que estava pendurado no corredor.

Outros presentes perguntaram se ela lhes podia trazer algo. A Belle respondeu: "Esperem um bocadinho." Depois, a outro homem entregou-lhe uma pesada cigarreira, que estava cheia e que ela abrira. Dizendo: "Isto é uma coisa engraçada, fecha-se", ofereceu a outro participante a sua régua de calcular.

Um homem disse: "Não consegues trazer nada dos meus bolsos, Belle, porque estão vazios."

"Vou ver", respondeu ela. "Engraçado, o que é isto?", perguntou, e entregou-lhe um lenço que disse ter encontrado no canto de um bolso. Cada artigo fora trazido da peça de vestuário pertencente ao respetivo destinatário, no átrio.

A Belle referiu-se então aos *apports* que estavam a ser preparados e disse que deviam ser manuseados apenas pelos destinatários e, em caso algum, perdidos.

Seguiu-se uma conversa probatória e pessoal entre uma comunicadora espiritual e o seu irmão, que expressou o seu contentamento com os lírios trazidos para o seu aniversário, e ouvia-se o seu farejar do perfume.

Foi pedida música apropriada e dadas instruções aos presentes para colocarem as mãos sobre o plexo solar, com os dedos estendidos cerca de uma polegada entre si. Os felizes contemplados foram então convidados a estender a mão para receber o *apport*, que era entregue por dedos materializados, pousando-o suavemente na palma. Um dos presentes disse que o *apport* estava bastante quente, com um calor seco, como se tivesse sido tirado de um forno.

Mais de trinta vozes espirituais dirigiram-se a nós, muitas sobre assuntos íntimos e pessoais que, por razões óbvias, não se registam. Ouviram-se outras a cantar versos de hinos e canções, à parte dos presentes. Houve três *apports*: um camafeu branco, oval, em baixo-relevo, com a cabeça fina de um patriarca; um camafeu preto de uma mulher de tipo grego; e um camafeu cor de pedra de uma mulher grega, de traços muito delicados.

A sessão durou três horas e meia.

CAPÍTULO DEZASSETE

MÉDICO EXAMINA LARINGE ESPIRITUAL

Em duas sessões experimentais, introduzimos um tipo especial de ecrã fluorescente para ajudar o mundo espiritual a demonstrar uma "televisão etérica". Por se tratar de uma experiência, não sabíamos se seria bem-sucedida ou não, mas estávamos sempre prontos a tentar algo novo se isso significasse aumentar o nosso conhecimento do funcionamento das leis psíquicas.

Não houve demonstração na primeira sessão, que foi dedicada sobretudo a instruções e mensagens pessoais aos presentes.

Na sessão seguinte, a Belle foi a primeira a falar. Tinha uma palavra alegre para cada participante e anunciou: "Vou trazer o meu passarinho azul. Quero que o vejam e o oiçam cantar." Ao início não conseguíamos ver nada, embora ouvíssemos um assobio ténue. Passado algum tempo, observou-se uma luz surgir e tomar a forma de um pássaro. Quando ficou totalmente formado, começou a voar pela sala e a assobiar uma nota aguda.

A Flora falou e disse-nos para mover o grande ecrã luminoso, que estava pousado numa cadeira, para uma posição onde não refletisse a sua luz sobre a médium.

Depressa a sombra de uma cruz foi projetada no ecrã. "Eu trouxe a cruz da cornija e voltei a colocá-la", disse a Belle. A cruz referida era um *apport* trazido numa sessão anterior. É uma peça sólida de mármore verde e pesa quase meio quilo.

A Belle disse-nos que ia tentar fazer uma coisa.
"Olhem!", disse. Vimos luzes aparecer por trás e acima do ecrã. O número de luzes aumentou, e havia uma mancha de luminosidade extra grande. No ecrã observámos uma sombra, mas não conseguíamos definir qualquer forma. Surgiu outra luz grande, e a massa de luzes começou a mover-se pela sala.

A Belle disse que ia buscar qualquer coisa. Vimos a trombeta, iluminada pela luz refletida do ecrã, voar até ao teto. "Vou fazer outra coisa", disse a Belle. Levou algumas rosas de um vaso na cornija, segurou-as diante do ecrã e tocou com uma numa das senhoras na cabeça. "Consigo ver a tua mãozinha a segurar a rosa, Belle", disse essa participante.

Uma voz espiritual disse-nos que estavam prontos para experimentar. O ecrã, que pesa mais de seis quilos, começou a erguer-se lentamente. Foi subindo, subindo, até o ouvirmos bater no teto. Permaneceu lá algum tempo, com o lado luminoso visível para nós. Depois começou a descer, rodopiando muito depressa no espaço. Em seguida, foi de um lado ao outro da sala a grande velocidade. Após estas evoluções, desceu gradualmente e veio repousar na cadeira. Não se ouviu um som.

Disseram-nos então que se tentaria materializar a laringe espiritual utilizada para falar. A menos de um pé do rosto do Dr. Coulthard, apareceu uma estrutura materializada que mostrava movimento de diferentes partes à medida que o controlo falava através dela. "Estou a falar convosco", disse, "e quero que todos vejam como isto funciona. Agora estou aqui em cima." Ouvimos a voz vir do teto.

"Agora estou a descer, aqui, à vossa frente." A voz desceu do teto e falou com o médico. "Viu a laringe a ser manipulada, doutor?"

"Sim", foi a resposta.

"Então gostaria que exprimisse a sua opinião", pediu-se-lhe.

Eis o relatório do Dr. H. Coulthard sobre a laringe materializada:

"Uma prova impressionante do *modus operandi* do fenómeno da voz direta foi-me dada numa sessão da Sra. Perriman há poucos dias, quando uma laringe ectoplásmica completa foi materializada a menos de sessenta centímetros de mim.

"Pude ver todas as partes funcionais da laringe e não hesito, como médico, em declarar que a estrutura que vi era uma réplica exata de uma laringe humana.

"Esta notável experiência foi realizada por um dos controlos da Sra. Perriman. Eu estava sentado a duas cadeiras da médium e a sala de sessões fora disposta de

modo a ser-lhe impossível sair do seu lugar. Diretamente à sua frente tinha sido colocado um novo instrumento com o qual estávamos a experimentar.

"Ouvi a voz do controlo a falar diante de mim. Depois surgiu, mesmo à minha frente e a cerca de quarenta e cinco centímetros, uma réplica fosforescente de uma laringe anatómica típica. Foi mostrada de forma que pude ver claramente a sua constituição.

"No interior da laringe estavam as cordas ou pregas vocais. Essas cordas, quando alguém fala, movem-se de lado a lado. Quando a voz não é usada, as cordas estão imóveis. Enquanto eu observava esta laringe espiritual, ouvi o controlo falar. À medida que ele falava, as cordas vocais moviam-se exatamente como eu esperaria se pudesse observar uma laringe humana em funcionamento. O espírito variou a altura da voz, falando por vezes agudo e por vezes grave. Todas essas mudanças foram acompanhadas pelos movimentos apropriados das cordas. A distância entre as cordas variou conforme variava a altura.

"Estou convencido de que teria sido impossível à médium produzir um modelo como o que vi. Mesmo que pudesse sair da cadeira e colocar-se à minha frente, ainda teria de acionar o modelo sem que as suas mãos fossem visíveis. Necessitaria de consideráveis conhecimentos técnicos, de que estou certo não dispõe, para mover as cordas exatamente como devem mover-se quando a voz fala. Além disso, a voz era nitidamente a de um homem.

"A laringe pareceu-me estar a flutuar. A natureza fosforescente da substância tornou-a naturalmente um pouco esbatida, mas era suficientemente nítida para eu certificar que era em todos os aspetos semelhante a uma laringe humana."

CAPÍTULO DEZOITO

SESSÃO REALIZADA NUM JARDIM

Tínhamos agora chegado à fase em que todas as nossas sessões eram realizadas em luz vermelha, para que os presentes e a médium se pudessem ver uns aos outros. Tínhamos de evitar que a luz incidisse diretamente sobre a minha mulher.

A primeira sessão sob esta nova condição, para uma senhora e a sua amiga, superou todas as expetativas. Previmos alguma dificuldade aos novos comunicadores espirituais para dominarem as condições. Não ficaríamos desiludidos se falhassem, pois compreendíamos quão difícil era obter a voz direta em quaisquer condições. Foi, por isso, com grande prazer que ouvimos o marido da senhora falar alto e claramente. Falou com a esposa durante noventa minutos sem interrupção, discutindo tudo o que dizia respeito à sua rotina diária.

Propus tentar uma experiência. Disse-lhe que estava espantado com o seu êxito, tendo em conta o facto de ser, à parte dos nossos controlos, o primeiro a comunicar nas novas condições. Queria ele tentar falar se eu aumentasse a intensidade da luz? Tinha um reóstato ligado à luz, controlado a partir da mesa onde tomava notas. Usava uma lâmpada de sessenta watts.

O orador espiritual disse: "Prossiga." Enquanto conversava com a esposa, fui aumentando gradualmente a luz até atingir a intensidade máxima. Nunca a voz espiritual vacilou. Quando lhe disse que a luz estava no máximo, respondeu: "Ora bem, meu senhor, não me consegue esbater", para nossa diversão. Com a luz no máximo, tudo na sala se via claramente.

Já ouvimos vozes espirituais em todo o tipo de locais e em plena luz do dia, em luz branca, vermelha e suave. Às vezes divertimo-nos, mas houve situações embaraçosas. Uma vez, eu e a minha mulher fomos ao cinema. Sentámo-nos na primeira fila do balcão. Um número de variedades apresentava "Bonnie Prince Charlie and Flora Macdonald".

Enquanto os artistas cantavam, a Flora apareceu. "Óch, isto é grandioso", disse. "Um bocadinho de escocês." Eu e a minha mulher olhámos um para o outro surpreendidos, a pensar se as pessoas dos lugares ao lado teriam ouvido. O nosso embaraço aumentou quando a Flora se juntou aos artistas a cantar *Bonnie Mary of Argyle*. As pessoas à nossa volta ouviram, e comentaram que havia alguém escocês nas filas da frente.

Noutra ocasião, quando fomos ver *Cavalcade*, a Belle chamou-me para cantar quando tocaram algumas canções da guerra. "Tu sabes-las", disse. Eu disse-lhe, educadamente, para estar calada, mas, a rir, instou-me a cantar.

Uma tarde, eu e a minha mulher, ao passarmos por uma loja do West End, parámos para admirar um expositor de ornamentos e estátuas católicas. "A Luz do Mundo" cativou-nos. Era uma peça lindíssima, e pensámos como ficaria bem no pequeno altar da nossa sala de sessões.

Precisamente quando eu disse que não nos podíamos dar ao luxo de a comprar, a Belle, cuja voz soou por cima das nossas cabeças, intrometeu-se: "Pergunta ao senhor quanto custa. Vá lá. É bonita." Chamei o empregado e perguntei o preço da figura. Ele disse-mo, mas, antes que eu tivesse tempo de responder, a Belle exclamou: "Compra. Amanhã já está em casa." O empregado olhou para mim e eu para ele. Nesse momento, a Belle voltou a gritar: "Compra." Como a voz parecia vir bem acima das nossas cabeças, tive de disfarçar o meu divertimento quando o empregado olhou nessa direção. Para evitar mais embaraços e explicações, apressei-me a mandar a figura para a nossa morada.

Quando nos afastámos do balcão, lancei um olhar por cima do ombro. Notei a expressão perplexa do empregado. Arrisco sugerir que nunca antes — nem depois — ele ouvira uma encomenda dada por uma entidade espiritual. Provavelmente pensou que era algum tipo de ventriloquia. Ao descermos a escadaria principal, a Belle, num tom trocista, repetiu: "Já a temos. Amanhã está em casa." Para não atrair a atenção das pessoas, pedi à Belle que se calasse.

Ouvimos vozes espirituais sob todo o tipo de condições e circunstâncias. Há três acontecimentos marcantes que me proponho registar. Eis um deles, descrito pelo Sr. J. Curr:

"Ouvi trinta vozes espirituais, todas a falar em luz branca. Tínhamo-nos reunido em casa de um amigo, oito de nós, para uma noite de convívio. O Sr. Perriman tocava piano e cantávamos todos, quando, de súbito, se ouviu uma voz masculina a dizer 'Olá', vinda da zona da porta. Saudámos a voz, a que se seguiram outras, até que cada pessoa do grupo falou com amigos 'falecidos'.

"O clímax chegou quando uma voz disse: 'Estou tão contente por conseguir comunicar', e deixou uma mensagem para a esposa. Este homem fora um dos porteiros no experimento do Aeolian Hall. Faleceu quatro meses depois. Todas as vozes nos falaram com luz. Havia dois candeeiros, um de cem watts e outro de sessenta. Todas as vozes foram identificadas por pessoas na sala como pertencendo a familiares ou amigos 'falecidos'.

"As vozes variavam de intensidade, algumas tão altas que se ouviam por cima do canto, enquanto outras falavam em sussurros modulados. A certa altura, enquanto eu falava com a Sra. Perriman e ela me respondia, ouvi uma voz espiritual falar ao mesmo tempo que ela, mas a partir de um ponto que parecia estar a quinze centímetros atrás do pescoço dela. Um comunicador falou em polaco e foi reconhecido por um dos presentes como sua mãe.

"Observei a Sra. Perriman quando as vozes espirituais nos falavam, mas não havia contacto visível com a médium. Se usavam a sua laringe, como podia ela falar ao mesmo tempo? A sessão improvisada durou quase duas horas e meia, com vozes espirituais a irem e virem durante esse período. Algumas conversas foram tão íntimas que não posso de modo algum relatá-las. Foi comovente testemunhar os reencontros entre famílias que tinham perdido a presença física dos seus entes queridos."

Outro acontecimento notável ocorreu quando estávamos a visitar amigos no campo e, casualmente, se sugeriu fazermos uma sessão nessa noite. Concordámos em experimentar no jardim.

Quando começou a anoitecer, com os nossos três amigos, fomos até ao fundo do jardim. Levámos mantas, pois estava frio. Abriu-se um guarda-chuva para

resguardar, quanto possível, das luzes do trânsito. Pouco depois verificou-se que refletia demasiada luz dos faróis dos carros e das janelas dos vizinhos, pelo que nos mudámos para um local mais sombreado. Mesmo assim havia alguma luz, mas a sessão prosseguiu.

Reparámos que a médium parecia estar coberta por alguma substância luminosa. Conseguíamos vê-la com bastante nitidez apesar da penumbra. As vozes falavam aparentemente do ar, sendo a Belle a primeira. Depois veio o pai de uma das presentes. Deu provas muito boas, mencionando nomes de família e contando incidentes que foram imediatamente reconhecidos.

Houve provas notáveis para uma senhora presente. Uma voz de criança disse o seu nome, mas a participante não o reconheceu. Por fim, à medida que a criança continuava a falar, a senhora percebeu que estava a conversar com a filha "falecida" de uma grande amiga. A conversa surpreendeu-a, tanto mais por nunca antes ter vivido algo desta natureza.

Depois surgiu o Rev. Dr. Coulthard. Fez uma longa alocução e falou com o filho. A minha mulher conversou com o irmão, que fora morto em Zeebrugge, e eu tive uma breve conversa com a minha mãe.

A sessão foi notável, tendo em conta a proximidade do jardim a uma estrada principal de Londres, com o seu fluxo constante de tráfego automóvel. Durante a sessão, luzes psíquicas esvoaçaram em torno dos nossos pés.

O outro acontecimento marcante ocorreu numa passagem de ano em que tínhamos um amigo connosco nessa noite. Tínhamos prometido a outra amiga telefonar-lhe pouco depois da meia-noite com os votos de Bom Ano. Estávamos os três na sala quando fiz a chamada. Não nos demos ao trabalho de acender a luz elétrica. Enquanto falava ao telefone, a Belle gritou: "Um Bom Ano Novo, Sra. S—." Mantive o auscultador ao ouvido.

"Ora, essa é a Belle!", disse a nossa amiga. "Um Bom Ano para si. É maravilhoso ouvi-la falar ao telefone."

A Belle enviou então o seu amor ao marido, ao filho e à filha da senhora. Quando a Belle terminou as saudações, uma voz masculina anunciou-se como Victor. Falou durante algum tempo à mesma senhora, do outro lado da linha, a alguns quilómetros de distância. Mencionou vários nomes de família e repetiu um lema, "Negro como as asas do corvo." Outra voz disse ser a de Alan e também enviou cumprimentos de Ano Novo e citou nomes.

Quando as vozes terminaram, a nossa amiga disse-me que as ouvira com toda a clareza. "Foi tudo probatório", afirmou. O Alan era o irmão "falecido" do marido dela e o Victor um amigo próximo que ficara hospedado com eles antes de falecer.

O lema que repetiu figurava no brasão de família, e era algo que a médium não poderia saber.

O ponto que nos interessou foi eu ter mantido o auscultador ao ouvido durante todo o tempo em que decorria a conversa entre a nossa amiga e as vozes espirituais. Nem a nossa amiga na sala nem a médium conseguiam ouvir o que dizia a Sra. S— do outro lado da linha. E, no entanto, apesar de eu não repetir o que era dito, os comunicadores espirituais, por algum meio misterioso, conseguiam ouvir o que ela dizia e responder às perguntas. Como o fizeram, não o sei dizer.

Depois do episódio telefónico, fomos para a sala de sessões, onde quinze vozes espirituais nos falaram.

No final, a Belle prometeu tentar dar uma prenda de Ano Novo ao nosso amigo. Quando se acenderam as luzes, ele colocou a mão em concha por baixo da da médium. A outra mão dele ficou sobre a dela, depois a mão restante dela e as minhas duas mãos. Esperámos alguns minutos; então o nosso amigo exclamou que a mão inferior lhe ficara quente. Nesse momento, disse ter sentido algo cair-lhe na mão. Encontrámos um pendente, em forma de cruz, incrustado com flores feitas de missangas, não muito diferente de um trabalho de mosaico.

CAPÍTULO DEZENOVE

PARALISIA DESAPARECE DURANTE O TRANSE

Uma senhora estava ansiosa por realizar uma série de sessões de transe com a minha mulher para obter material para um livro. A médium nunca tinha dado uma sessão de transe. Ela opunha-se, como eu, a esta forma de mediunidade. A senhora implorou que fosse feita uma exceção. Recusei permitir que a minha mulher fosse usada desse modo até ter discutido o projeto com um dos controlos espirituais.

Fizemos uma pequena sessão para esse fim, e a Flora, a minha mulher e eu discutimos a questão. Só mediante a garantia da Flora de que nenhum mal adviria à médium é que concordámos. Mas disse à Flora que, se a minha mulher se queixasse de quaisquer efeitos negativos resultantes do transe, não lhe permitiria continuar.

Não estive presente nas sessões de transe que se seguiram, que foram realizadas com plena luz, nem tinha visto a médium em transe. Contudo, certa manhã, regressei a casa enquanto decorria uma sessão, e a criada disse-me que me queriam na sala de sessões. Ao entrar, fui saudado pela nossa visitante, que disse que a Belle sugerira que eu entrasse se chegasse antes de terminar.

Ao olhar para a médium em transe, não pude deixar de achar graça aos seus gestos e maneiras. Batia palmas e dava pontapés, comportando-se exatamente como uma

criança. Pensei que, se ela pudesse ver-se naquele momento, nunca mais entraria em transe. A voz da Belle saiu-lhe pelos lábios. "Bom dia", disse; "sente-se e fique quieto."

A Belle conversou então com a nossa visitante. Todo o tempo, eu observava atentamente a médium. Interrompi a conversa com um pedido à Belle. Perguntei se podia escrever o seu nome para mim numa folha de papel. "Sim, dá-me papel e lápis, e vou tentar", respondeu. Tirou o lápis e o papel da minha mão e escreveu o nome Belle. Ao examinar a assinatura, verifiquei que era a réplica de uma que fora escrita numa sessão de voz direta, quando dezassete assinaturas, todas diferentes, haviam surgido numa folha de papel, sem mãos terrenas tocarem no lápis e no papel.

A Belle despediu-se com um "Bom dia". Com a sua partida, a médium voltou ao normal, salvo o facto de continuar em transe. Após um curto intervalo, notei uma mudança completa. Desta vez, a sua expressão nada tinha a ver com a sua. O rosto assumiu o aspeto de uma pessoa de forte personalidade. Quando a entidade obteve pleno controlo e falou, soube que era a Flora.

Uma tarde, eu e a minha mulher, ao passarmos por uma loja do West End, parámos para admirar um expositor de ornamentos e estátuas católicas. "A Luz do Mundo" agradou-nos. Era uma peça belíssima e pensámos como ficaria bem no pequeno altar da nossa sala de sessões.

Precisamente quando disse que não nos podíamos dar ao luxo de a comprar, a Belle, cuja voz soou por cima das nossas cabeças, intrometeu-se: "Pergunta ao senhor quanto custa. Vá lá. É bonita." Chamei o empregado e perguntei o preço da imagem. Ele disse-mo, mas, antes de eu ter tempo de responder, a Belle exclamou: "Compra. Amanhã já está em casa." O empregado olhou para mim e eu para ele. Nesse momento, a Belle voltou a dizer em voz alta: "Compra." Como a voz parecia vir bem acima das nossas cabeças, tive de disfarçar o meu divertimento quando o empregado olhou nessa direcção. Para evitar mais embaraços e explicações, apressei-me a mandar enviar a imagem para a nossa morada.

Quando nos afastámos do balcão, lancei um olhar por cima do ombro. Notei a expressão perplexa do empregado. Arrisco sugerir que nunca antes — nem depois — ouvira uma encomenda dada por uma entidade espiritual. Provavelmente pensou que era algum tipo de ventriloquia. Ao descermos a escadaria principal, a Belle, em tom trocista, repetiu: "Já a temos. Amanhã está em casa." Para não atrair a atenção das pessoas, pedi à Belle que se calasse.

Ouvimos vozes espirituais sob todo o tipo de condições e circunstâncias. Há três acontecimentos marcantes que me proponho registar. Eis um deles, descrito pelo Sr. J. Curr:

"Ouvi trinta vozes espirituais, todas a falar em luz branca. Reunimo-nos em casa de um amigo, oito de nós, para uma noite de convívio. O Sr. Perriman tocava piano e cantávamos todos, quando, de súbito, se ouviu uma voz masculina a dizer 'Olá', vinda da zona da porta. Saudámos a voz, a que se seguiram outras, até que cada pessoa do grupo falou com amigos 'falecidos'.

"O clímax chegou quando uma voz disse: 'Estou tão contente por conseguir comunicar', e deixou uma mensagem para a esposa. Este homem fora um dos porteiros no experimento do Aeolian Hall. Faleceu quatro meses depois. Todas as vozes falaram connosco com luz. Havia dois candeeiros, um de cem watts e outro de sessenta. Todas as vozes foram identificadas por pessoas na sala como pertencendo a familiares ou amigos 'falecidos'.

"As vozes variavam de intensidade, algumas tão altas que se ouviam por cima do canto, enquanto outras falavam em sussurros modulados. A certa altura, enquanto eu falava com a Sra. Perriman e ela me respondia, ouvi uma voz espiritual falar ao mesmo tempo que ela, mas a partir de um ponto que parecia estar a uns quinze centímetros atrás do pescoço dela. Um comunicador falou em polaco e foi reconhecido por um dos presentes como sendo a sua mãe.

"Observei a Sra. Perriman quando as vozes espirituais nos falavam, mas não havia contacto visível com a médium. Se usavam a sua laringe, como podia ela falar ao mesmo tempo? A sessão improvisada durou quase duas horas e meia, com vozes espirituais a irem e virem durante esse período. Algumas conversas foram tão íntimas que não posso de modo algum relatá-las. Foi comovente testemunhar os reencontros entre famílias que tinham perdido a presença física dos seus entes queridos."

Outro acontecimento notável ocorreu quando estávamos a visitar amigos no campo e, casualmente, se sugeriu fazermos uma sessão nessa noite. Concordámos em experimentar no jardim.

Quando começou a anoitecer, com os nossos três amigos, fomos até ao fundo do jardim. Levámos mantas, pois estava frio. Montou-se um guarda-chuva para resguardar, quanto possível, das luzes do trânsito. Pouco depois, verificou-se que se reflectia demasiada luz dos faróis dos carros e das janelas dos vizinhos, pelo que nos mudámos para um local mais sombreado. Mesmo assim havia alguma luz, mas a sessão prosseguiu.

Reparámos que a médium parecia estar coberta por alguma substância luminosa. Conseguíamos vê-la com bastante nitidez apesar da penumbra. As vozes falavam

aparentemente do ar, sendo a Belle a primeira. Depois veio o pai de uma das presentes. Deu provas muito boas, mencionando nomes de família e contando incidentes que foram imediatamente reconhecidos.

Houve provas notáveis para uma senhora presente. Uma voz de criança disse o seu nome, mas a participante não o reconheceu. Por fim, à medida que a criança continuava a falar, a senhora percebeu que estava a conversar com a filha "falecida" de uma grande amiga. A conversa surpreendeu-a, tanto mais por nunca antes ter vivido algo desta natureza.

Depois surgiu o Rev. Dr. Coulthard. Proferiu uma longa alocução e falou com o filho. A minha mulher conversou com o irmão, que fora morto em Zeebrugge, e eu tive uma breve conversa com a minha mãe.

A sessão foi notável, tendo em conta a proximidade do jardim a uma estrada principal de Londres, com o seu fluxo constante de tráfego automóvel. Durante a sessão, luzes psíquicas esvoaçaram em torno dos nossos pés.

O outro acontecimento marcante ocorreu numa passagem de ano em que tínhamos um amigo connosco nessa noite. Tínhamos prometido a outra amiga telefonar-lhe pouco depois da meia-noite com os votos de Bom Ano. Estávamos os três na sala quando fiz a chamada. Não nos demos ao trabalho de acender a luz eléctrica. Enquanto falava ao telefone, a Belle gritou: "Um Bom Ano Novo, Sra. S—." Mantive o auscultador ao ouvido.

"— Ora, essa é a Belle!", disse a nossa amiga. "Um Bom Ano para si. É maravilhoso ouvi-la falar ao telefone."

A Belle enviou então o seu amor ao marido, ao filho e à filha da senhora. Quando a Belle terminou as saudações, uma voz masculina anunciou-se como Victor. Falou durante algum tempo à mesma senhora, do outro lado da linha, a alguns quilómetros de distância. Mencionou vários nomes de família e repetiu um lema, "Negro como as asas do corvo." Outra voz disse ser a de Alan e também enviou cumprimentos de Ano Novo e citou nomes.

Quando as vozes terminaram, a nossa amiga disse-me que as ouvira com toda a clareza. "Foi tudo probatório", afirmou. O Alan era o irmão "falecido" do marido dela e o Victor um amigo próximo que ficara hospedado com eles antes de falecer. O lema que repetiu figurava no brasão de família, e era algo que a médium não poderia saber.

O ponto que nos interessou foi eu ter mantido o auscultador ao ouvido durante todo o tempo em que decorria a conversa entre a nossa amiga e as vozes espirituais. Nem a nossa amiga na sala nem a médium conseguiam ouvir o que dizia a Sra. S— do outro lado da linha. E, no entanto, apesar de eu não repetir o que era

dito, os comunicadores espirituais, por algum meio misterioso, conseguiam ouvir o que ela dizia e responder às perguntas. Como o fizeram, não o sei dizer.

Depois do episódio telefónico, fomos para a sala de sessões, onde quinze vozes espirituais nos falaram.

No final, a Belle prometeu tentar dar uma prenda de Ano Novo ao nosso amigo. Quando se acenderam as luzes, ele colocou a mão em concha por baixo da da médium. A outra mão dele ficou sobre a dela, depois a mão restante dela e as minhas duas mãos. Esperámos alguns minutos; então o nosso amigo exclamou que a mão inferior lhe ficara quente. Nesse momento, disse ter sentido algo cair-lhe na mão. Encontrámos um pendente, em forma de cruz, incrustado com flores feitas de missangas, não muito diferente de um trabalho de mosaico.

CAPÍTULO VINTE

SALVA DO SUICÍDIO

Poder-se-á perguntar: "Que significaram estas experiências para mim e para os muitos que as partilharam?" A melhor maneira de responder, creio, é relatando um dos inúmeros casos comoventes que nos chegaram.

Fora combinada, por intermédio de uma sociedade, uma sessão para um dos seus membros. Não nos disseram antecipadamente o nome do participante, nem se seria mulher ou homem.

Chegou uma mulher e entregou-me uma carta de apresentação que nada continha que pudesse revelar a sua identidade. Reparámos em como estava triste e abatida, e sentimos que havia grande amargura no seu coração. Para aliviar a tensão, perguntei se já alguma vez tinha participado numa sessão, e disse-nos que não. Expliquei que era impossível garantir resultados. Se nada acontecesse ao fim de quinze minutos, a sessão seria encerrada.

Na altura, todas as nossas sessões eram realizadas no escuro. Ainda não tínhamos atingido a fase de poder usar luz vermelha. Perguntei se se importava de estar às escuras, ou se teria medo, e ela respondeu: "Não."

Retirámo-nos para a nossa sala de sessões e colocámos a visitante numa confortável poltrona, a cerca de um metro e vinte da médium. Eu sentei-me junto do gramofone, no lado oposto da sala.

Depois de a Belle saudar a visitante, uma voz, forte e sonora, exclamou: "Mamã! Estou aqui", e deu o seu nome completo. "Mamã, como estou contente por teres vindo aqui", continuou. "Mamã querida, o Pai está comigo. Estamos os dois aqui. Mamã, estão a ajudar-me a falar assim porque tenho algo importante a dizer-te."

A esta altura, estava muito excitado e emocionado. Sugeri que seria melhor acalmar-se. "Quem é você?", perguntou. "Estou a falar com a minha mãe. Não o conheço." Expliquei que tentava ajudar. "Mamã!", disse o rapaz. "O pai e eu estamos terrivelmente preocupados contigo. Tivemos um grande trabalho para te salvar de ti própria. Não chegou a tua hora de vires para aqui e, se fizeres o que tens em mente, não te juntarás a nós como pensas que vais. Promete-me, mamã, que aquilo que tinhas em mente fazer quando vieste aqui esta noite não o farás quando saíres daqui. É por isso que estou aqui hoje e por isso é que me estão a ajudar a falar assim.

"Mamã querida, sabemos que te sentes só e quanto sentes a nossa falta. Não te culpes por minha causa. Fizeste tudo o que podias, mas foi vontade do Pai Amoroso que eu viesse para aqui. Lamentamos que tenhas ficado sozinha, mas queremos que saibas que podemos ir ter contigo a casa e levar-te o nosso amor e auxílio. Pode ser que não nos vejas, mas estamos lá na mesma. Toma, mamã, recebe isto de mim com todo o meu amor e também do pai."

Ele entregou à mãe uma rosa que fora tirada de um vaso, mostrou a sua luz espiritual e depois beijou a mãe. O marido e outros familiares falaram-lhe num tom muito semelhante ao do filho.

Terminada a sessão, e já noutra sala, a visitante agradeceu-nos. "Quer que lhe diga a que é que o meu filho se referia?", disse.

"Se isso lhe causar aflição, é melhor não mencionar nada", respondi.

Contudo, insistiu. Explicou o seu sofrimento terrível e a amargura pela perda trágica do marido e do único filho, e estava convicta de que não existia um Deus amoroso. Tentara pôr termo à vida várias vezes, mas, de algum modo, o destino interveio e impediu-a. Vinha plenamente decidida, antes de nos procurar, a que a nossa porta fosse a última em que bateria antes de se lançar ao Tamisa.

Era uma pessoa muito diferente a que saiu da nossa casa nessa noite. De passagem, o Tamisa foi roubado da sua vítima.

A ideia de apodrecer no túmulo após a nossa morte faz-nos estremecer. Se as nossas experiências nada tivessem provado, teriam, pelo menos, destruído uma falácia: a de jazer na sepultura até Gabriel tocar a grande alvorada. Mas fizeram mais do que isso. Aprendemos que o verdadeiro valor da vida está no serviço aos outros; que, servindo o nosso semelhante com espírito de fraternidade e boa camaradagem, fazemos a vontade de Deus.

"Pelas vossas obras sereis conhecidos, não pela vossa religião", é uma das afirmações muitas vezes citadas por aqueles que regressam para nos dizer o que devemos fazer. "Rotular-vos como católicos romanos, anglicanos, não-

conformistas, espiritualistas ou qualquer uma das muitas denominações não vos dá entrada na pátria espiritual do amor e da compreensão", dizem-nos.

No outro lado da vida não há credo, dogma, distinção de classe nem barreira de cor. Há apenas uma religião: o serviço aos outros.

Dizem-nos que é contra as leis espirituais que, quando Deus providenciou ao seu povo recursos mais do que suficientes para as suas necessidades, uma pequena parte goze da abundância enquanto a maioria tantas vezes passa privações. É o egoísmo e a cobiça dessas pessoas, cuja única ambição na vida é alcançar poder e posição, que são responsáveis pelo estado caótico do mundo.

Seja qual for a nossa nacionalidade, cor ou credo, somos todos filhos de Deus e, como tal, devemos partilhar por igual a generosidade que Ele tem para oferecer. "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?"

Quando ouço certos clérigos dizerem que são mensageiros do Diabo aqueles com quem contactamos, sou forçado a sorrir. Sei que a minha mãe não era um anjo. Eu também não sou, nem ninguém o é. Mas uma coisa eu sei: a minha mãe nunca me aconselharia, do "outro mundo", a fazer nada que fosse errado aos olhos de Deus — tal como não o faria quando estava na Terra.